

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

VERONIQUE DOUZAKA PAHIMI

**PROPRIEDADES DAS RAIZES VERBAIS EM MUNDANG
(FAMILIA NIGER-CONGO)**

BELO HORIZONTE

2021

VERONIQUE DOUZAKA PAHIMI

**PROPRIEDADES DAS RAIZES VERBAIS EM MUNDANG
(FAMILIA NIGER-CONGO)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: (1E) Estudos formais de Línguas

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Faculdade de Letras da UFMG
2021

P141p

Pahimi, Véronique Douzaka.

Propriedades das raízes verbais em mudang (família Niger-Congo)
[manuscrito] / Véronique Douzaka Pahimi. – 2021.

127 f., enc. : il., tabs., maps, color., p&b.

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos Formais da Língua.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras

Bibliografia: f. 123-127.

1. Língua mundang – Verbos – Teses. 2. Línguas africanas – Teses. I.
Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.
III. Título.

CDD : 496



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

PROPRIEDADES DAS RAIZES VERBAIS EM MUNDANG (FAMILIA NIGER-CONGO)

VERONIQUE DOUZAKA PAHIMI

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 27 de maio de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Fábio Bonfim Duarte - Orientador

UFMG

Prof(a). Rozana Reigota Naves

UnB

Prof(a). Crisófia Cristovao Francisco Langa da Câmara

UEM

Belo Horizonte, 27 de maio de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Rozana Reigota Naves, Usuário Externo**, em 08/06/2021, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Crisofia Cristovao Francisco Langa da Camara, Usuário Externo**, em 08/06/2021, às 17:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Bonfim Duarte, Professor do Magistério Superior**, em 21/06/2021, às 13:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0754695** e o código CRC **C73087C8**.

Referência: Processo nº 23072.224376/2021-01

SEI nº 0754695

Au peuple moundang du Cameroun

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus que me mantém firme e forte durante esses oito anos longe da minha família e do meu país querido.

Agradeço ao professor Fábio, meu orientador que me acolheu enquanto eu estava à procura de um orientador para começar essa nova caminhada, não somente no mestrado, mas também no mundo da linguística.

Agradeço aos meus colegas do Laliafro, Ana Claudia, Bráulio, Clauane, João, Júlia, Lorena, Ronaldo, que me ajudaram a enfrentar cada um dos obstáculos. Foram muitas dicas, estudos, discussões, muito encorajamento e muita paciência.

Agradeço aos meus informantes, que sempre estiveram dispostos para me ajudar, sem perder a paciência e respondendo a cada uma das minhas perguntas.

Agradeço ao Daba Daniel, linguista trabalhando com o mundang, por ter me ajudado a esclarecer algumas dúvidas sobre (a)gramaticalidade de algumas estruturas na língua, que me permitiu avançar na minha pesquisa. A Profa. Rosalie Mairama por ter me enviando sua tese do doutorado que foi uma base muito importante na elaboração dessa dissertação.

Agradeço aos meus pais, Mbourfane Badai e Pahimi Jean, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram desde 2013, quando decidi vir para o Brasil. Eles são em grande parte responsáveis pelas minhas conquistas.

Agradeço aos meus irmãos, Augustin, Félicité, Jean-Cyril, Valentin e Dominique, que, apesar de me perguntarem toda hora quando é que eu volto para Camarões, nunca deixaram de me apoiar e torcer por mim.

Agradeço ao meu companheiro Henderson Rodrigues, por sempre estar presente, por carregar o papel de minha família no Brasil, por aturar meu estresse, minhas lamentações, meu mau humor. Que muitas vezes se propôs a me ajudar na dissertação sem querer saber de linguista. Obrigada pelo apoio incondicional.

Agradeço aos meus amigos, principalmente a Prisca Nana, minha parceira de jornada desde 2013, quando deixamos nosso país juntas, para enfrentar esse mundo novo e desconhecido. Esteve sempre presente e torcendo uma pela outra.

Agradeço a UFMG, pela vida acadêmica que me proporcionou.

Agradeço a CAPES, pela bolsa de estudos que me permitiu o apoio financeiro para desenvolver esta pesquisa.

Soko pəli !

« En Afrique, quand un vieillard meurt c'est une bibliothèque qui brûle. »

Amadou Hampâte Bâ

RESUMO

O objetivo dessa dissertação é contribuir para um conhecimento mais apurado de uma das línguas do grupo linguístico Adamawa-Ubangui, o mundang que conta com uma única gramática de referência, a de Elders (2000). Busca-se ainda elaborar uma descrição morfossintática do mundang, investigando se os dados do mundang confirmam a hipótese de classificação das raízes verbais, tal como é proposta por Schafer (2008). Esse autor assume a proposta teórica, segundo a qual as raízes verbais apresentam entradas lexicais que podem informar se um determinado verbo passa ou não pela alternância causativa. Especificamente, almejamos identificar o seguinte: (i) se os verbos agentivos não alternam e aceitam somente um agente com controle na posição de sujeito; (ii) se os verbos de causa externa aceitam agentes e causadores como sujeitos e se eles alternam ou não; (iii) se somente as raízes de causa inespecífica sofrem alternância causativa e (iv) se as raízes de verbos de causa interna no mundang não formam causativas diretas, mas apenas incoativos. A coleta dos dados foi feita à distância por meio de elicitación dos dados com 4 informantes, propondo uma série de frases com os diferentes tipos de raízes verbais. À luz dos dados coletados, concluímos que, no mundang, verbos de causa inespecífica são os únicos verbos de mudança de estado que alternam, conforme previsto pelo Schafer (2008). Foi observado também que o argumento externo das raízes agentivas é preenchido por Voice [+AG] com ou sem controle. Já os verbos de causa externa não formam anticausativas e os verbos de causa interna não transitivizam.

Palavras-chave: raízes verbais, alternância causativa, mundang, Adamawa-Ubangui.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to contribute to a more refined knowledge about one of the languages of the Adamawa-Ubangui linguistic group, the Mundang, which already has a reference grammar, written by Elders (2000). The objective is to contribute to a morphosyntactic description of Mundang, investigating if its linguistic data corroborate the hypothesis about the classification of verbal roots, as is proposed by Schäfer (2008). This author assumes the theoretical proposal, according to which verbal roots present lexical entry that can inform if a certain verb undergo the causative alternation or not. More specifically, we intend to identify the following properties: (i) if agentive verbs only accept a controlling agent in its subject position and do not undergo causative alternation; (ii) if verbs of external causation accept agents and *causers* as subjects, and if they undergo alternation or not; (iii) if only roots of unspecified cause undergo causative alternation; and (iv) if roots of verbs of internal cause do not form direct causatives in Mundang, but only inchoatives instead. The data collection was taken remotely, by means of elicitation with four informants, proposing a set of sentences with different kinds of verbal roots. Considering the data collected, we established that verbs of unspecified cause are the only verbs of change of state that undergo alternation in Mundang, according to what is proposed in Schäfer (2008). It was also observed that the external argument in agentive roots is occupied by Voice [+AG] with or without control. Furthermore, we conclude that verbs of external cause do not allow the anticausative alternation and verbs of internal cause cannot be transitivized.

Keywords: verbal roots, causative alternation, mundang, Adamawa-Ubangui linguistic family.

Listra de Siglas e Abreviaturas

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
AdjP	Sintagma Adjetival (Adjectival Phase)
AFF	Afirmativo
ASCLIM	Associação Cristã para Literatura Moundang
ANTC	Anticausativo
AUX	Auxiliar
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CRTV	Cameroon Radio Television
CONJ	Conjunção
DEMONS	Demonstrativo
DET	Determinante
DIM	Diminutivo
DP	Sintagma determinante (Determiner phrase)
IMP	Imperativo
INT	Interrogativo
LALIAFRO	Laboratório de Línguas Africanas
MASC	Masculino
NACT	Não ativo
NEG	Negação
NOM	Nominativo
NP	Sintagma Nominal (Noun Phrase)
NV	Nome verbal

OI	Objeto Indireto
PASTP	Particípio Passado
PERF	Perfectivo
PL	Plural
POSS	Possessivo
PP	Sintagma Preposicional (Prepositional Phrase)
PREF	Prefixo
PRES	Presente
PREP	Preposição
SG	Singular
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
VP	Sintagma Verbal (Verbal phrase)

SUMÁRIO

CAPITULO 1: INTRODUÇÃO	13
CAPITULO 2: POVO, LÍNGUA E FAMÍLIA.....	19
2.1. PANORAMA LINGUÍSTICO EM CAMARÕES.....	23
2.2. MUNDANG: POVO E LÍNGUA.....	24
CAPITULO 3: PANORAMA DA GRAMÁTICA DO MUNDANG	30
3.1 FONÉTICA E FONOLOGIA	31
3.2. MORFOLOGIA DAS CLASSES DE PALAVRAS	39
3.2.1. GÊNERO E NUMERO	39
3.2.2. DETERMINANTES	42
3.2.3. PRONOMES PESSOAIS	49
3.2.4. PREPOSIÇÕES	52
3.2.5. CONJUNÇÕES.....	54
3.2.6. ADVÉRBIOS	56
3.3. ASPECTOS DA SINTAXE	58
3.3.1. ESTRUTURA INTERNA DO NP.....	59
3.3.2. ESTRUTURA INTERNA DO VP.....	60
3.3.3 ORDEM DOS CONSTITUINTES NUCLEARES.....	62
3.3.4. ORDEM DOS ADJUNTOS NA ORDEM LINEAR.....	64
3.5. A CATEGORIA VOZ/PATIENTIF	66
3.3.6. RESUMO DO CAPÍTULO	70
CAPITULO 4: APORTE TEÓRICO	72
4.1. NOÇÃO DE ALTERNÂNCIA CAUSATIVA	72
4.2. AS CLASSES DE RAÍZES VERBAIS.....	81
4.2.1. VERBOS AGENTIVOS	82
4.2.2. VERBOS DE CAUSA EXTERNA	85

4.2.3. VERBOS DE CAUSA INTERNA	87
4.2.4. VERBOS DE CAUSA INESPECÍFICA	88
4.5. RESUMO DO CAPITULO	89
CAPITULO 5: NATUREZA DAS RAÍZES VERBAIS.....	90
5.1. METODOLOGIA	90
5.2. NATUREZA DAS RAÍZES VERBAIS EM MUNDANG.....	96
5.2.1. VERBOS AGENTIVOS	96
5.2.2 VERBOS DE CAUSA EXTERNA	106
5.2.3 VERBOS DE CAUSA INESPECÍFICA	113
5.2.4 VERBOS DE CAUSA INTERNA	116
5.3. RESUMO DO CAPITULO	119
CAPITULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	123

CAPITULO 1: INTRODUÇÃO

Esse trabalho se justifica primeiramente por razões pessoais. Sendo camaronesa e falante do mundang, esse projeto é um meio de dar visibilidade a minha língua nativa e, sobretudo, recriar um vínculo com essa língua que está sendo esquecida pouco a pouco pelas gerações mais jovens que moram em cidades grandes de Camarões e também fora do país. Por essas razões e outras, esta pesquisa busca contribuir com a descrição de línguas africanas e em especial o mundang, que é uma língua ainda muito pouca estudada. No continente africano, observa-se que o subgrupo mais bem estudado da família Niger-Congo é o Bantu. Não podemos dizer o mesmo em relação à subfamília Adamawa-Ubangi que é ainda pouco conhecido, pois há muito poucas gramáticas de línguas afiliadas a esse ramo linguístico.

Neste cenário, o principal objetivo desse trabalho é apresentar uma descrição de aspectos da gramática do mundang, língua esta que conta com apenas uma gramática de referência, a *Grammaire Mundang*, de Stefan Elders, que descreve de maneira geral o funcionamento gramatical da língua. O Trabalho deste autor foi de uma grande contribuição na descrição do mundang. Ele aborda aspectos fonológicos, fonéticos e morfossintáticos da língua. Ele dedica também uma parte do seu trabalho à documentação da língua, especialmente aos contos,

textos descritivos, provérbios e cantos. Outro objetivo desse trabalho é estudar as propriedades das raízes verbais em mundang. Para tal, partiremos principalmente do pressuposto teórico tal como delineado em Schafer (2008), mas também em Alexiadou et al (2006 a, b), Levin e Rapaport Hovav (1995), Haspelmath (1993) e Alexiadou, Anagnostopoulou, Schäfer (2015). O propósito é analisar o processo de estruturação sintática e semântica do comportamento das raízes verbais nessa língua, ou seja, temos por objetivo investigar se os dados do mundang confirmam a hipótese de classificação das raízes verbais, tal como é proposta por Schafer (2008). Interessa-nos, por exemplo, avaliar as propriedades das raízes verbais em mundang e de que maneira o seu comportamento pode contribuir com o entendimento do fenômeno de alternância transitiva/anti-causativa, tal como proposta por Schafer (2008). Objetiva-se averiguar se a proposta de classificação de raízes de Schafer (2008) se aplica ao mundang ou não. Mais especificamente, almejamos identificar o seguinte:

- (i) se os verbos agentivos não alternam e se aceitam somente um agente com controle na posição de sujeito;
- (ii) se verbos de causa externa aceitam agentes e causadores como sujeitos e se alternam ou não;
- (iii) se somente as raízes de causa inespecífica sofrem alternância causativa;
- (iv) e, por fim, se as raízes de verbos de causa interna no mundang não formam causativas, mas apenas incoativos.

Esta dissertação assume a proposta teórica, segundo a qual existe uma Gramática Universal para todas as línguas. Sendo assim, terei em conta que a alternância causativa se realiza em todas as línguas, só que a sintaxe de cada língua parametriza esse fenômeno de uma maneira particular. Entende-se por alternância causativa uma situação sintático-semântica em que um verbo que apresenta a forma transitiva também exibirá a forma intransitiva. A construção intransitiva é considerada como inacusativa, pois não projeta argumento externo, mas somente argumento interno com papel temático tema, paciente ou afetado. No âmbito da literatura sobre o tema, assume-se que, para que um verbo alterne, ele precisa ser de mudança de estado, conforme se vê a seguir:

- (1a) João abriu a porta
- (1b) A porta abriu

Entretanto, a questão central que surge para a nossa pesquisa é sabermos a razão por que, um verbo do tipo ‘cortar’, sendo de mudança de estado não sofre alternância causativa. Ou seja, a questão que se coloca é como que a gramática das línguas naturais permite a alternância de um verbo e não de outro, sendo que os dois verbos (abrir e cortar) são de mudança de estado. Para tentar solucionar o problema, Alexiadou et al (2006a, b) propõem que as raízes verbais trazem informações que determinam se um verbo passa ou não pela alternância

causativa. Consoante a proposta dos autores, as raízes verbais são subclassificadas de acordo com a sua semântica lexical. Sendo assim, Schafer (2008) estabelece quatro tipos de raízes verbais (i) verbos agentivos cujo argumento externo é restrito a agentes, (ii) verbos de causa externa reservam a posição de argumento externo a DPs com papel temático de agente ou de causa. Ademais, esses verbos não formam anticausativas, (iii) verbos de causa inespecífica são aqueles que formam causativas e anticausativas e (iv) verbos de causa interna, formam incoativas e permitem uma construção correspondente a transitiva causativa. Algumas línguas como o francês apresenta um comportamento diferente para verbos de causa externa. É o caso do verbo ‘tuer’ (matar) e o verbo ‘détruire’ (destruir) que na língua formam anticausativa como se pode notar nas estruturas seguintes:

(2a) *le policier a tué le bandit*
 o policial ter.AUX matar.PSTP o bandido
 ‘O policial matou o bandido.’

(2b) *le bandit s’ est tué*
 o bandido REFL etre.AUX matar.PSTP
 *‘O bandido matou.’

(3a) *le feu a détruit le champ*
 o fogo ter.AUX destruir.PSTP o campo
 ‘O fogo destruiu o campo.’

(3b) *le champs s’ est détruit*
 o campo REFL etre.AUX destruir.PSTP
 *‘O campo destruiu.’

Notamos com esses exemplos que o mecanismo de alternância causativa é regulado por mesmos princípios subjacentes nas línguas. Todavia, existem variações quanto ao tipo de verbo que pode alternar ou não, pois nem todos os itens lexicais se comportam da mesma maneira na gramática das línguas. Assim sendo, observa-se que o comportamento das raízes verbais em cada língua é um tema complexo e que precisa ser investigado com mais cuidado. Em suma, a alternância causativa nas línguas naturais pode ser efetuada conforme a tipologia estabelecida pelo Schafer (2008) ou pode apresentar um comportamento próprio, conforme se vê pelos exemplos em (2) e (3) acima.

Acreditamos que esse trabalho pode ainda contribuir com um melhor conhecimento sobre aspectos gramaticais do mundang. Além do mais, descrever aspectos sintáticos e semânticos do mundang se faz urgente, tendo em conta que essa língua sofre com o contato de duas línguas majoritárias, o francês e o inglês, que podem influenciar de certa maneira a gramática do mundang. Outra língua em contato com o mundang é o ‘fufuldé’, língua falada na parte norte de Camarões. De certa maneira, a presente pesquisa está em consonância com o chamado do governo camaronês que busca revalorizar as suas línguas nativas, no intuito de estabelecer uma política linguística adequada que sirva para revitalizar as línguas nativas faladas em Camarões. Desse modo, esta dissertação, juntamente com outras pesquisas que vêm sendo efetuadas sobre outras línguas

camaronesas, servirá de fonte para criação de uma plataforma de ensino básico da gramática do mundang, principalmente do vocabulário básico da língua. Esta plataforma será criada futuramente pela organização chamada PICELLE¹ a qual faço parte. Em suma, esse projeto está sendo realizado em um contexto em que Camarões está promovendo uma política linguística de ensino, visando a inserir as línguas africanas na educação. E para esse fim, precisamos elaborar materiais didáticos. Assim, esse trabalho se inscreve no contexto de luta pela preservação de línguas minoritárias faladas em Camarões e na África.

¹ PICELLE que significa *pátio* em mundang, é uma organização criada em 2018, cujo objetivo é juntar os jovens mundang da diáspora no intuito de dar visibilidade e fazer crescer a comunidade

CAPITULO 2: POVO, LÍNGUA E FAMÍLIA

Como já sabemos a África é um continente que abriga uma diversidade de línguas, algumas dessas sendo o resultado direto da colonização, enquanto outras constituem línguas autóctones no continente. Cada uma dessas línguas africanas carrega cultura e identidade. As línguas europeias têm o papel de línguas oficiais na administração, na educação, na política, dentre outras funções, de modo que costumam fazer sombra às línguas nacionais que, na sua maioria, são de tradição oral. Cerca de duas mil línguas são faladas na África, porém $\frac{3}{4}$ delas nunca foram estudadas nem descritas e, portanto, são desconhecidas da comunidade científica. Conforme o linguista americano Joseph Greenberg, em um estudo feito nos anos sessenta, existe quatro grandes famílias de línguas no continente africano, a saber: as línguas Coissã, faladas no sul, em países como a Namíbia, Angola, Botswana e África do sul; as línguas nigero-congolesas presentes na parte leste, central e se estendendo até ao oeste, onde se encontram Camarões, República Democrática do Congo, dentre outros países; as línguas Nilo-saarianas que se distribuem ao longo do rio Nilo, contemplam países como Sudão e Chade; e as línguas Afro-asiáticas faladas ao Norte e ao Leste do continente, em países como o Egito, Etiópia ou ainda Eritreia, conforme se vê no mapa abaixo:

Figura 1. Famílias Linguísticas da África



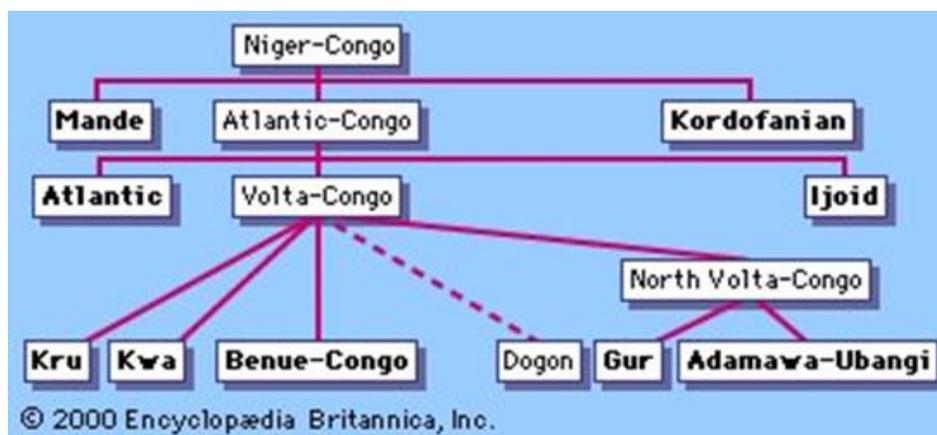
Fonte: Encyclopædia Britannica

Entre todas essas famílias linguísticas, algumas são conhecidas no mundo inteiro como o ‘Swahili’ com 40 milhões de falantes. O mesmo ocorre com o

Hauçá (40 milhões) e o Ioruba, que contabilizam cerca de 30 milhões de falantes. Há ainda outras que são conhecidas somente na localidade onde são faladas e têm poucos falantes. Esta é a situação do ‘Koalib’ falado no Sudão com 150.000 falantes ou o ‘Bilin’ com 70.000 falantes, falado na Etiópia e Eritreia, respectivamente. Podemos observar que, embora a África tenha uma grande diversidade linguística, existe um desequilíbrio quanto ao número de falantes das línguas.

A família linguística Níger-Congo é a maior do continente africano. Não só por sua extensão geográfica, mas também pelo número de falantes. Ela é falada por mais de 600 milhões de pessoas, estendendo do Senegal no Oeste até o Kenya no Leste e até a África do Sul. Essa família sozinha possui cerca de 1400 línguas. As línguas nígero-congolesas estão distribuídas em nove subfamílias: Mande, Kordofanian, Atlantic, Ijoid, Kru, Gur, Adamawa-Ubangi, Kwa e Benue-Congo.

Figura 2. Subfamília Niger-Congo



Fonte: Encyclopædia Britannica

A subfamília Adamawa-Ubangi, do qual faz parte o mundang é composto por 120 línguas e conta com 12 milhões de falantes. Ele se estende da Nigéria, passando por Camarões, Chade, República Centro-Africana, República Democrática do Congo e indo até o Sudão do Sul. Subdivide-se em dois subgrupos: o Adamawa e o Ubangi. O subgrupo Adamawa contém as línguas menos estudadas da família Niger-Congo e com pouco número de falantes. A língua mais falada nesse subgrupo é o mumuye com 500.000 falantes. Já as línguas do subgrupo Ubangi são mais estudadas e atingem em média um milhão de falantes por língua. É o caso, por exemplo, de línguas como banda, gbaya, ngbaka e zande. A tabela a seguir apresenta algumas línguas Adamawa-Ubangui, classificadas por número de falantes.

Quadro 1. Línguas Adamawa-Ubangui por número de falantes

Language	Speakers	Area
Banda	1,500.000	Central African Republic, DR Congo
Zande	1,500,000	Central African Republic, DR Congo, Sudan
Ngbaka	1,250,000	DR Congo
Gbaya	1,070,000	Central African Republic
Mumuye	500,000	Nigeria
Ngbandi	400,000	Northern DR Congo
Tupuri	250,000	Cameroon, Chad

Fonte: The language Gulper

2.1. PANORAMA LINGUÍSTICO EM CAMARÕES

De acordo com Leclerc Jacques em *L'aménagement linguistique dans Le monde*², Camarões, país da África central, é comumente chamado de África em miniatura por causa da sua diversidade geográfica e humana. Esse pequeno país de 25 milhões de habitantes tem duas línguas oficiais: o francês, falado por 78% da população e o inglês, 22% da população. Além dessas línguas europeias, existem cerca de 280 línguas nacionais. Com o passar do tempo, o contato entre as línguas locais e europeias deram origem às línguas híbridas, como é o caso do camfranglais, que é uma junção do francês, inglês e línguas nacionais, e do franfulde, uma mistura do francês e ffulde (língua franca da parte norte do país). Vê-se assim que há uma diversidade linguística imensa no país. Existe também uma disparidade quanto aos falantes das línguas em Camarões. Enquanto algumas ultrapassam os três milhões de falantes, a ponto de se tornarem línguas francas, há as outras, pelo contrário, com poucos falantes e são mais suscetíveis ao risco de desaparecerem, caso ações concretas de descrição e revitalização linguísticas não sejam efetuadas. Esta é de certa maneira a situação linguística que vive a língua mundang.

² Planejamento linguístico no mundo (tradução própria)

2.2. MUNDANG: POVO E LÍNGUA

O mundang é falado na parte norte de Camarões, no sudeste do Chade na sua maioria, e em pouca quantidade no nordeste da Nigéria. O mundang que representa tanto o nome da língua quanto o nome do povo tem cerca de 235 700 falantes, contabilizados nos dois países, assim distribuídos: 191 000 falantes no Chade (2006) e 44 700 falantes em Camarões (1982). Essa língua faz parte da família Niger-Congo, da subfamília Adamawa-Ubangi e do grupo Mbum que corresponde a adamawa 6 na classificação do Greenberg. Em consonância com esse autor, podemos afirmar com certa segurança que esse grupo faz parte das línguas menos estudadas no continente africano, além de sofrer ameaças de extinção. Boyd (1989:185, apud Elders 2000:9) divide o grupo Mbum em três partes conforme o quadro abaixo:

Quadro 2. Divisão do grupo Mbum

A. Northern:	1.	a.	Tupuri
		b.	Mundang, Kpam/Mono
		c.	Mangbai ~ Mambai
	2.		Dama, Galke (Ndáí), Pormi, Kali
B. Central:	1.		Koh, Sakpu
	2.		Karang, Pana, Njak Mbai, Ngumi, Kārē
C. South:			Mbum, Man, Mbere, Kpere ~ Kepere

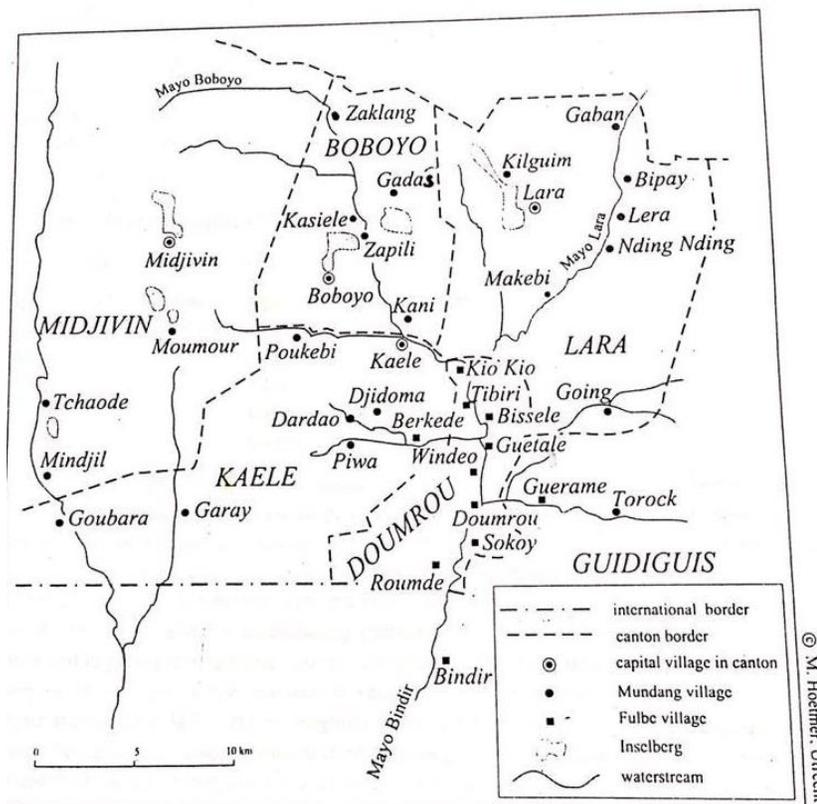
Fonte: Elders (2000:9)

Como já foi mencionado acima, o mundang é falado na República dos Camarões e no Chade. A maioria dos falantes da língua se encontra na prefeitura de Mayo Kebbi no Chade, enquanto nos Camarões o mundang é falado no

departamento de Mayo Kani, na parte norte do país. A língua mundang é subdividida em duas regiões: o mundang do norte e o mundang do sul. O último é falado nas regiões mais distante de Mayo Kebby também chamado de regiões mais altas, ao redor de Kaele³. Já o mundang do norte é falado na região mais baixa, perto de Mayo Kebbi no Chade. Entretanto essa divisão não é rígida, pois o mundang falado em Torrock, localidade situada no Chade, apresenta semelhanças com aquele falado em Camarões. Também é o caso do dialeto mundang falado em Lere, situado na fronteira Camarões-Chade, o qual é considerado como puro por razões históricas. A seguir, mostramos dois mapas com a localização dessa língua nessas regiões. O primeiro mapa apresenta a distribuição geográfica do mundang tanto em Camarões quanto no Chade e o outro mapa indica a localidade de Kaélé onde a língua é falada em Camarões:

³ Cidade principal do departamento de Mayo kani

Figura 4. Mapa da região de Kaélé nos Camarões



Fonte: Elders (2000:3)

Existe certa diferença no domínio fonológico, gramatical e léxico entre essas duas variantes dialetais, que segundo Elders (2000) precisam ser mais investigados. Seguindo essa perspectiva de distinguir os dialetos do mundang, ele aponta quatro dialetos nessa língua: o kiziere, o mbana, o yasing e o gelama.

O nome kiziere faz referência a uma tribo que reinava no antigo reino mundang. Schilder (1994:94, apud Elders, 2000) apontam que o nome mbana

indica a forma como os fulani designam o povo mundang. O yasing é considerado por alguns autores como uma língua diferente do mundang. É o caso do Greenberg (1963) que classifica o mundang e o yasing como duas línguas distintas. Já Westermann e Bryan (1952) o colocam como uma variante do mundang que designam a língua ‘des gens d’en haut’⁴ e isso faz dela um dialeto do mundang. É importante notar que no site Glottolog, o yasing não aparece como variante do mundang. Aliás, esse site apresenta como variantes do mundang o galema, o imbana, o kiziere e o torrock-Kaele. A última variante descrita por Elders (2000) é o galema, dialeto falado em gelami.

O fulani sendo a língua franca da região norte dos Camarões é muito usado pelo povo mundang. Isso se verifica pelo empréstimo de muitas palavras fulani ao léxico mundang. O uso do mundang é limitado à esfera doméstica e nas igrejas. Antigamente era uma das línguas do programa radio CRTV Extreme Nord⁵, hoje, porém, ela não é mais contabilizada dentro das línguas do programa. A maioria de textos escritos em mundang são bíblicos e de literatura oral. Há uma tradução integral da bíblia em mundang, um dicionário exclusivamente em mundang. Enquanto registramos um grande número de traduções ou obras originais, notamos a falta de obras bilingue mundang-francês. Essa língua, como a grande maioria das outras, é cada vez mais engolida pelas línguas oficiais e o

⁴ Do povo de cima (tradução própria)

⁵ Principal canal de televisão e rádio do país

número de seus falantes vem diminuindo. Segundo a UNESCO, várias línguas locais estão ameaçadas, o que se confirma pelo fato de o Sudão contabilizar 65 línguas em risco de extinção, o Camarões 36, a Nigéria e o Chade 28.

Por estas e outras razões, ações de descrição e análise da língua mundang se tornam urgentes, pois esse trabalho poderá servir de referência ou base para futuros pesquisadores interessados em estudar a gramática dessa língua ou outras da subfamília Adamawa-Ubangui.

CAPITULO 3: PANORAMA DA GRAMÁTICA DO MUNDANG

Como já foi dito, a única gramática de referência do mundang foi elaborada por Elders (2000). Este autor apresenta no seu livro o mundang que é falado na parte norte dos Camarões, especificamente na localidade de Kaéle. Nessa gramática, ele apresenta uma descrição dos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua. Outra autora que aborda questões gramaticais sobre o mundang é Rosalie Maïrama. Na sua tese de doutorado intitulado *étude comparée des systèmes linguistiques du français et du mundang. implications didactiques et pédagogiques*, a autora elabora um estudo comparativo dos sistemas fonológicos, léxicos e morfossintáticos entre o francês e mundang a fim de propor técnicas e métodos de aprendizagem do francês, em um contexto multilíngue.

Apresentamos neste capítulo um breve panorama de aspectos gramaticais da língua mundang, no intuito de fornecer ao leitor um panorama global sobre pontos específicos da gramática da língua.

Na seção 3.1, apresentaremos brevemente um esboço de sua fonologia e fonética. Na seção 3.2, lançamos um olhar sobre aspectos importantes da morfologia das classes de palavras e, por fim, na seção 3.3, investigamos propriedades da sintaxe.

3.1 FONÉTICA E FONOLOGIA

Tanto a fonética quanto a fonologia estudam a produção dos sons humanos. Apesar das duas áreas terem o mesmo objeto de estudo, elas tem funções diferentes.

A fonética se preocupa com a fala, a descrição concreta dos sons de uma língua. Nessa perspectiva, a fonética pode ser vista sob diferentes aspectos tal como definido por Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão:

Podemos estudar a fala a partir da sua fisiologia, ou seja, a partir dos órgãos que a produzem, tais como a língua, responsável pela articulação da maior parte dos sons da fala; e a laringe, responsável principalmente pela produção de “voz” que leva à distinção entre sons vozeados (sonoros) e não-vozeados (surdos). Podemos também estudá-la a partir dos sons gerados por esses órgãos, ou seja, com base nas propriedades sonoras (acústicas) transmitidas por esses sons. Podemos ainda examinar a fala, sob a ótica do ouvinte, ou seja, da análise e processamento da onda sonora quando realiza a tarefa de percepção dos sons, dando sentido àquilo que foi ouvido. Todos esses aspectos podem ser considerados pela Fonética.

Já a fonologia estuda os sons do ponto de vista mais abstrato, uma vez que busca determinar a organização da cadeia sonora de uma língua que produz distinções de significados. Mais precisamente, a fonologia almeja descrever os fonemas que possuem função distintiva.

Quando falamos, produzimos segmentos sonoros que são vogais, consoantes e glides. O inventário vocálico do mundang⁶ segundo Elders (2000)

⁶ O inventário vocálico e consonânticos e os exemplos deste capítulo são tirados de Elders (2000) e da tese de doutorado de Rosalie Mairama

é baseado em um sistema triangular dividido em cinco graus de acordo com a altura da língua. Este sistema se caracteriza também pela qualidade acústica das vogais, ou seja, se elas são breves ou se são longas, pelos ditongos e pela nasalização. Segue-se o inventário vocálico das vogais orais, adaptado conforme apresentado por Elders:

Quadro 3. Vogais orais em mundang

		Anterior	central	Posterior arredondado
Alta	1º grau	i		u
	2º grau	ɪ	-	ʊ
Media	3º grau	e	ə	o
	4º grau	ɛ	-	ɔ
Baixa	5º grau	-	a	-

Fora o schwa (ə), todas essas vogais podem vir sob a forma de vogais longas como se vê nos exemplos abaixo:

- (4) [i̯i̯]: anterior, alta, labial
/ kí̯í̯/ cesta
- (5) [aa]: central, baixa, estendida
/ káárí/ milho
- (6) [oo]: posterior, media-alta, arredondado
/ boole / palha

Existe na língua, pares distintivos entre vogais longas e breves conforme segue:

- (7a) wi: vocês
- (7b) wii: fogo
- (8a) ba: encher
- (8b) baa: concurda
- (9a) ku: soprar
- (9b) kuu: madeira

O ditongo é uma sequência formada por uma vogal e uma semivogal ou de uma semivogal e uma vogal na mesma sílaba. Em mundang, o ditongo pode ser formado por duas vogais ou a + semivogal. Ele é representado no mundang conforme segue:

- (10) [ia]: / yíá / seis
- (11) [uo]: / bùò / teu, o teu
- (12) [ay]: / lây / conselho

As nasais na língua são divididas entre as breves, as longas e os ditongos, como se observa, a seguir:

- (13) [ĩ]: anterior, alta, nasal
/ sî/ moer
- (14) [ã]: central, baixa, nasal
/ sã / costurar

- (15) [ĩĩ]: antérieur, alta, nasal
/ gĩĩ / aberto
- (16) [ĩĩ̃]: antérieur, alta, nasal
/ s̃ĩĩ / pare de trás da perna
- (17) [ũũ] : posterior, alta, nasal,
/ zũũri/ mascara sagrada mundang

Quanto às consoantes, o inventário dos fonemas consonânticos, proposto por Elders (2000), constitui-se de um sistema bastante complexo, conforme se pode observar pelo quadro abaixo:

Quadro 4. Inventário dos fonemas consonânticos em mundang

LUGAR MODO	labial	alveolar	palatal	velar	Lábio- velar	glotal
Oclusiva desvozeada	p	t	c	k	kp	
Oclusiva vozeada	b	d	j	g	gb	
Oclusiva pre- nasal	mb	nd	nj	ng	ngb	
Oclusiva glotalizado	ɓ	ɗ				
Fricativa desvozeada	f	s				h
Fricativa vozeada	v	z				

Nasal	m	n		ŋ		
Nasal glotalizado	ʔm	ʔn				
Lateral		l				
Tepe (sonante central)	vb	r				

O mundang como a maioria das línguas Niger-congolesas é uma língua tonal. O tom tem a capacidade de mudar semanticamente a palavra onde ele é marcado, mas também a sentença inteira. São contabilizados três tipos de tons no mundang e cada um veicula uma função morfológica e semântica específica. O primeiro é o tom alto, ele se caracteriza por um acento agudo na vogal acentuada para marcar a intensidade, conforme mostram os exemplos seguintes:

(18) *bále*
‘O pé.’

(19) *yáŋ*
‘A casa.’

(20) *kál-ra*
ir-PL
‘Eles foram.’

(21) *dú-ra*
fugir-PL
‘Eles fugiram.’

O tom alto é usado na língua para marcar o levantamento de voz do locutor. Ele pode ser usado para caracterizar o humor de um determinado locutor. Pode ser sentimentos de raiva, xingamento e injunção conforme os exemplos a seguir:

Sentimento de raiva

- (22) *Báŋ* *yel* *be* *gí* *me*
trazer.IMP filho POSS vir 1.SG
'Traga-me meu filho.'

Xingamento

- (23) *Dəb* *bəwóne*
Homem feio
'Um homem feio'

Injunção

- (24) *Kalé*
'Vai embora (daqui)'

O segundo tipo é o tom baixo. Ele é marcado por um acento descendente e, ao contrário do tom alto, possui um valor semântico diferente. Expressa sentimentos de afeto, de paz e de respeito mútuo, conforme segue no exemplo abaixo:

Afeto

- (25) *A* *yà* *mo*
3.SG querer 2.SG
'Ele te ama.'

Respeito

- (26) *Mo kùò yel fâhfâle.*
tu colocar criança costa
'Coloca a criança nas costas'⁷

O último tom, o médio, se caracteriza por um traço na vogal, marca a normalidade do acento. Ele não carrega significado como é o caso do tom alto e baixo. Ele é usado para expressar sentenças normais, sem conotação específica vindo do locutor.

- (27) *Peh kâāh dā-ni.*
ovo galinha quebrar-NV.
'O ovo da galinha quebrou.'

Sendo uma língua tonal, o significado da palavra depende do tipo do tom, isto é, descendente, ascendente ou reto. A tabela, a seguir, adaptado a partir da tese da Rosalie Mairama, mostra a mesma palavra, mas com significado diferente devido à mudança de tom:

⁷ Prática cultural em vários países da África onde a criança é amarrada nas costas com um pano para ela poder dormir.

Quadro 5. Diferença semântica entre os tons

TOM ASCENDENTE	TOM DESCENDENTE	TOM MEDIO
dáŋ ‘tudo’	dàŋ ‘vaso’	dāŋ ‘dirigir’
jíə ‘aloes’	jìə ‘atras’	jīə ‘soldados, insetos’
bál(e) ‘pe’	bàlè ‘par’	Bāle ‘quebrar’
səŋ ‘alto’	səŋ ‘baixo’	səŋ ‘odiar’
Tíŋ ‘chifre’	Tìŋ ‘tatuagem’	tīŋ ‘fluir’

Outra característica do tom nessa língua é a marcação do tempo. O tom alto marca o passado, o tom baixo marca o presente e o tom médio o imperativo.

Para exemplificar esse aspecto, vamos pegar o verbo ‘hĩŋ’ (dar) a seguir:

Passado

(28) *me híŋ (yi)*
 1.SG dar.PST 3.OI
 ‘Eu dei para ele.’

Presente

(29) *me híŋ*
 1.PRON dar.PRES
 ‘Eu dou.’

Imperativo

(30)	<i>(mo)</i>	<i>hĩŋ</i>
	1.PRON	dar.IMP
	‘Dá.’	

Vimos que o mundang apresenta diversos consoantes e vogais, alguns ausentes nas línguas românicas. O tom também é um elemento primordial na língua, pois tem valor semântico, lexical e temporal.

Na próxima seção, o objetivo é discutir aspectos pré-selecionados da morfologia das classes de palavras.

3.2. MORFOLOGIA DAS CLASSES DE PALAVRAS

Nesta seção, objetiva-se apresentar um pouco os aspectos morfológicos do mundang e também algumas categorias gramaticais, como a formação dos nomes, o gênero e o número das palavras, os determinantes, os pronomes pessoais sujeitos e objetos, as conjunções e os advérbios.

3.2.1. GÊNERO E NUMERO

Alguns prefixos são usados em mundang para diferir o gênero feminino do gênero masculino. Assim sendo, os prefixos ‘pa’ e ‘wa’ se referem ao masculino, enquanto ‘ma’ se junta ao radical para formar o feminino. Enquanto ‘pa’ é usado somente para seres humanos, ‘wa’ já se estende para não humanos e pode agir como determinante atribuindo um sentido mais específico ao nome

ao qual vem se afixado, nome que sozinho é usado em sentido mais geral.

Seguem alguns exemplos:

(31) *wa-tatù*
PREF-galo
'O galo.'

(32) *pa-lei*
PREF-conselho
'O conselheiro.'

Diferentemente de 'pa' e 'wa', 'ma' ocorre como marca de gênero feminino para substantivos, cujo referente pode ser tanto seres humanos quanto seres não humanos. Comparem-se os exemplos a seguir:

(33) *ma-kaah*
PREF-galinha
'A galinha.'

(34) *ma-yáŋ*
PREF-casa
'Dona de casa.'

Existe, porém, algumas exceções, onde 'ma' não se refere necessariamente ao gênero feminino:

(35) *ma-bì*
PREF-água
'O lago.'

Em mundang, o número pode ser característica própria da morfologia da palavra, ou seja, de natureza lexical ou apresentar um morfema flexional distintivo do singular e do plural. De acordo com Elders (2000), o morfema -ra,

marca do plural, ocorre no final do sintagma nominal, porém, não se afixa necessariamente ao nome em si. Os exemplos a seguir, ilustram o singular na língua:

(36) *yɛl* *be* *kálga* *túk(i)* *ne* *jìì* *vaŋno*
 Criança POSS.SG ir mato com boi um
 ‘Meu filho foi no mato com um boi.’

(37) *də-peŋ*
 PRE-branco
 ‘O homem branco.’

(38) *gwó* *nə* *pátu.*
 cachorro PREP gato
 ‘O cachorro e o gato’

Na sentença (36), os nomes ‘yɛl’, ‘túk(i) e ‘jìì’ estão no singular, assim como o possessivo ‘be’ e o cardinal ‘vaŋno’ que concordam com os nomes aos quais se referem. A sentença (37) mostra o prefixo ‘də’ como marca do singular.

O plural também pode ser marcado lexicalmente ou pode aparecer como afixo. Somente os nomes animados carregam a marca do plural, enquanto nomes inanimados marcam o plural dependendo do contexto de enunciação. O plural se realiza pela ocorrência dos sufixos -ra, -re, -ree, -ri e pelo prefixo -za, conforme mostram os exemplos a seguir:

(39) *yíí* *púùh-ra* *wáà* *pah* *bəə-ra.*
 Criança;PL cultivar-PL campo pai POSS-PL
 ‘As crianças cultivam o(s) campo(s) dos seus pais.’

- (40) *gí-ri*
Cabra-PL
'As cabras.'
- (41) *goŋ-ree*
chef-PL
'Os chefes.'
- (42) *kaah-re*
galo-PL
'Os galos.'
- (43) *za-gwóò*
PL-estrangeiro
'Os estrangeiros.'

É importante salientar que o morfema flexional 'ra' funciona também como marca da terceira pessoa do plural, conforme mostra o verbo 'púùhra' na frase (39). Nota-se que a mudança de gênero se manifesta tanto na morfologia nominal como na morfologia verbal.

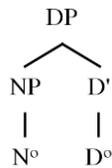
3.2.2. DETERMINANTES

O determinante é conhecido como a palavra que acompanha o substantivo, ele tem a característica de anteceder-lo. Como determinantes, temos os artigos definidos e indefinidos, os demonstrativos, os possessivos, os indefinidos, os números cardinais e ordinais.

Rosalie Mairama na sua tese identifica dois tipos de determinantes em mundang: (i) os determinantes específicos que seriam os artigos e os adjetivos e (ii) os determinantes complementares. Ao contrário das línguas como o português ou o francês, os determinantes específicos ocorrem após o núcleo do

sintagma nominal, gerando a ordem linear [NP+D^o], conforme o diagrama arbóreo a seguir:

(44)



Os determinantes complementares podem ser antepostos ou pospostos ao nome e podem ser combinados com os determinantes específicos. Começando pelos determinantes específicos, é importante apontar que não existe artigos em mundang. Comparem-se dos dados a seguir:

POSSUIDOR+POSSUIDO
 (45) *ø Bal ø tabel.*
 pé mesa
 ‘O pé da mesa.’

NOME+ADJETIVO
 (46) *ø Yaŋ fiú.*
 casa nova
 ‘a casa nova.’

A proposta de que a ordem [NP+D^o] é realmente a sequência canônica se confirma quando analisamos os demonstrativos, já que estes vêm sistematicamente pospostos ao nome. A seguir, o paradigma dos adjetivos demonstrativos presentes na língua:

Quadro 6. Os adjetivos demonstrativos

	GENERO/ NUMERO
Aqui	Hìè (próximo do interlocutor)
Ali	Hóò (distante do interlocutor)
Lá	Háà (bem longe do interlocutor)

Abaixo, alguns exemplos em que demonstrativos ocorrem depois do núcleo do NP.

(47) *suk* *hiè.*
Orelha aqui
'Esta orelha.'

(48) *tesúh* *hàà.*
roupa ali
'Esta roupa ali.'

Os adjetivos possessivos assim como os demonstrativos ocupam a posição posposta ao núcleo do NP. Em geral, os possessivos não recebem marca de gênero e o plural é marcado pelo morfema -ra, embora sua ocorrência seja facultativa. O quadro abaixo mostra o paradigma dos possessivos na língua:

Quadro 7: adjetivos possessivos em mundang

	SINGULAR	PLURAL
1ª PESSOA	be	buuru (excludente) mana (includente)
2ª PESSOA	bo	biiri
3ª PESSOA	ahe	bəəra

Para ilustrar o paradigma acima, listamos a ocorrência desses pronomes no interior do sintagma nominal.

(49) *dəlì be*
avo POSS
'Meu avô.'

(50) *yaŋ bo*
casa POSS
'Tua casa.'

(51) *zaa faa ahe*
coca porta POSS
'Sua porta.'

(52) *gì mana-ra.*
cabra POSS-PL
'Nossas cabras.'

(53) *goŋ biiri*
chefe POSS
'Vosso chefe.'

- (54) *yaŋ bəəra*
 casa POSS
 ‘Suas casas.’

Importante salientar que o pronome possessivo ‘nosso’ tem duas formas na língua, a saber: uma forma para o exclusivo ‘buuru’, sem inclusão do locutor e outra forma para o inclusivo ‘mana’ que inclui o locutor. Para entendermos tal sistema, comparem os dados abaixo.

- (55) *gìi mana.*
 cabra POSS
 ‘Nossa cabra.’

- (56) *mo ko yaŋ buuru ya*
 2.SG ver casa POSS NEG
 ‘Você não viu nossa casa.’

Identificaram-se dois tipos de adjetivos indefinidos, cujo sentido depende do contexto em que ocorre, já que possui valor polissêmico. Estes adjetivos são o item ‘daŋ’ (todo(s), cada) e ‘kìi’ (outro, qualquer), conforme mostram exemplos a seguir:

- (57) *goŋ dii yíi ŋwəə daŋ*
 chefe chamar crianças mulheres DET
 ‘O chefe chama todas as meninas.’

- (58) *yeŋ kii hóò jole.*
 criança DET quebrar mão
 ‘Uma certa criança quebrou o braço.’

(59) *Payañ pùù wàà daŋ.*
 Payañ cultivar campo DET
 ‘Payañ cultivou todo o campo.’

(60) *Mo gùŋ gù kù.*
 PRON abater cabra DET
 ‘Você abateu qual cabra?’

Outro tipo de determinantes a ser analisado são os numerais. Existem tanto números cardinais quanto ordinais em mundang. Os primeiros são formados de unidades, décimos, centésimos e milésimos conforme a tabela abaixo:

Quadro 8. Números cardinais

Unidade	números	Letras
	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9	vanno, gwa, sai, nai, dappe, yea, ven, nama, dora
Décimo	10, 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90	jama, jama gwa, jama sai, jama nai, jama dappe, jama yea, jama rəŋ, jama nama
	11, 12, 13, 14, 15....	jama tel vaŋno, jama tel gwa, jama tel sai
Centésimo	100, 200, 300, 400...	temere, temere gwa, temere sai, temere nai
	101, 503, 708....	temere nə vaŋno, temere nə sai, temere reŋ nə namma
Milésimo	1000, 2000, 6000, 9000	ujenere, ujenere gwa, ujenere yea, ujenere dora
	1110, 2050, 6930...	ujenere nə temere təl jama, ujenere gwa nə jama dappe, ujenere yea nə temere dora nə jama sai

Fonte : *Étude comparée des systèmes linguistiques du français et du mundang. Implications didactiques et pédagogiques*

Notem que o item ‘tel’ aparece entre os décimos e as unidades:

Jama gwa: 20

Jama tel gwa: 22

Os centésimos são formados por *nə* entre a unidade e o centésimo.

Temere sai: 300

Temere *nə* sai: 303

temere reŋ *nə* namma: 708

Para formar os milésimos, ‘tel’ fica entre as unidades e os décimos e ‘*nə*’ entre os centésimos e os milésimos:

ujenere gwa: 2000

ujenere gwa *nə* temere gwa təl vaŋno: 2201

Podemos notar que quando os números vão de dez em dez, de cem em cem ou de mil em mil não aparece ‘tel’ nem ‘*nə*’. Já os números ordinais se obtêm seguindo a estrutura seguinte:

Pronome demonstrativo ‘*patə*’ (aquele que) + número cardinal + adjetivo possessivo ‘*ahe*’ (seu)/substantivo:

(61) *patə* *vaŋno ahe*
 DEMONS um POSS
 ‘O primeiro.’

(62) *patə* *gwa yìre*
 DEMONS dois crianças
 ‘O segundo filho.’

Podemos usar também ‘makəpel / makədiè’, que são, respectivamente, primeiro e último, depois do substantivo, formando a estrutura:

Substantivo + makəpel / makədiè

Depois de uma breve apresentação dos determinantes em mundang, apresentamos nas próximas seções os pronomes pessoais e complementos, as preposições, as conjunções, os advérbios e seus contextos de uso.

3.2.3. PRONOMES PESSOAIS

Existem em mundang os pronomes pessoais plenos e suas formas reduzidas, ou seja, os pronomes fracos. Esses últimos são usados para que não tenha repetição do mesmo referente. Comparem-se os dois tipos no quadro abaixo:

Quadro 9. Pronomes pessoais em mundang

	PRONOMES PLENOS	PRONOMES FRACOS
Eu	ame	me
Tu	amo	mo
Ele/Ela	ako/azye	ko/zye
Nos	ana (includente) aru (excludente)	na ru
Vocês	awe	we
Eles/Elas	ara	ra

Nota-se que a forma fraca do pronome é obtida com a redução do segmento inicial ‘a’ do lexema.

Além das formas (a)ko, (a)zye que se referem à terceira pessoa, nota-se pelo paradigma mostrado acima que há duas outras formas ‘a’ (ele/ela) e ‘yo’ (ele/ela), perfazendo um inventário de quatro formas. Observa-se também que há

ainda duas formas para a primeira pessoa plural, a saber: (a)na includente e (a)ru, excludente.

Em oposição aos pronomes pessoais que aparecem na posição de sujeito, há ainda os pronomes que ocorrem na posição de complemento, conforme mostra o quadro abaixo com o inventário completo desses pronomes.

Quadro 10: pronomes objetos diretos e indiretos em mundang

	POSIÇÃO DE OBJETO DIRETO	POSIÇÃO DE OBJETO INDIRETO
Me/mim	me	me
Te/ti	mo	mo
o/a/lhe	ko/zye/hi	ko/zye/hi
Nos	ru (exclusivo) na (inclusivo)	ru (exclusivo) na (inclusivo)
Vos	we	we
os/as/lhes	ra	ra

Observamos a partir de paradigma acima que os pronomes pessoais objetos em mundang correspondem à forma fraca dos pronomes pessoais sujeitos. Nota-se também que tanto o objeto direto quanto o objeto indireto usam a mesma forma. Para diferir o objeto direto do indireto, precisa-se observar as

relações sintáticas e semânticas que se estabeleçam entre o verbo e seu objeto.

Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência de alguns desses pronomes.

(63) *me fà bo ahe hi be.*
 eu dizer palavra POSS lhe PERF
 ‘Eu disse-lhe do que se trata.’

(64) *yo híṅ me súnku.*
 ele/a dar mim dinheiro
 ‘Ele/Ela deu dinheiro para mim.’

(65) *amo túh fa ra təsuu.*
 tu mostrar coisa os/as ontem
 ‘Tu os ensinaste ontem.’

(66) *a rák-ra wol(e) ma mah bəə mo*
 ele comer-PL comida DET mãe POSS que

zóra pím.
 Cozinhar-PL manhã
 ‘Eles comem a comida que a mãe deles cozinhou para eles de manhã.’

3.2.4. PREPOSIÇÕES

O mundang apresenta uma serie de preposições, cujo sentido depende do contexto em que são usadas e não da natureza da preposição em si, conforme abaixo:

Quadro 11. As preposições

<i>kə</i>	a/em
lale	fora de

kəlalé	fora
kəsièl	entre
nə	com
so	ainda
bər/ pə	em
tə	sobre

Contextos de ocorrências dessas preposições são listados a seguir.

- (67) *nəh* *tə* *wì.*
molho PREP fogo
‘o molho está no fogo.’
- (68) *páh* *ah (e)* *kàl* *nə* *derewól* *ahé.*
pai POSS partir PREP livro POSS
‘Seu pai foi embora com o livro dele.’
- (69) *mah* *ah (e)* *nó* *kə* *yàŋ.*
mãe POSS AFF PREP casa
‘Sua mãe está em casa.’
- (70) *yel* *líe* *pə* *lák* *bì.*
criança cair PREP burraco água
‘A criança caiu no poço d’água.’
- (71) *fann* *ahé* *lal* *be.*
coisa POSS PREP PERF
‘Esta coisa não me diz respeito.’ (Litt: Esta coisa está fora de mim.)

- (72) *giè mùŋ kəsièl yaŋ-ra hùò.*
 rato esconder PREP casa-PL DEMONS
 ‘O rato se escondeu entre essas casas.’

Observamos que a preposição é diretamente ligada ao nome que introduz. Nota-se também que o uso de algumas preposições bloqueia a presença do verbo na frase como é caso das frases (68) e (70). Isto é, algumas preposições já preenchem o papel do verbo, dependendo da ideia transmitida pelo locutor.

3.2.5. CONJUNÇÕES

De acordo com Rosalie Mairama, muitas das conjunções no mundang são originadas de empréstimos do fufuldé. As principais conjunções repertoriadas são as seguintes:

Emprestadas do fufuldé

amáà (mas)

wálà (ou)

kò (ou)

Próprios do Mundang

súò (e)

gúò (então)

kənə (apesar de)

nə (e)

O contexto também influenciará o sentido das conjunções nas frases, como se pode ver nos exemplos abaixo:

(73) *Mayaŋ kàl ka bíè bì pə hièle kənə*
 NP ir PREP buscar água PREP remanso CONJ

lák bì no kə yaŋ
 burraco água AFF em casa

‘Mayaŋ foi buscar água no remanso, enquanto tem um poço em casa.’

(74) *Yìi núà-ra nəm(mi) bei rák fanne*
 Crianças dormir-PL sono PREP comer coisa

kənə fàréł no kə yáŋ
 CONJ comida AFF PREP casa

‘As crianças dormem sem comer, apesar de ter comida em casa.’

(75) *jól nə bále.*
 mão CONJ pé
 ‘A mão e o pé.’

(76) *aru no nə sor amà suŋko láŋ ahe ka.*
 PRON AFF CONJ painço CONJ dinheiro moer POSS NEG
 ‘Nós temos painço, mas não temos dinheiro fazer moer.’

(77) *búò nə zàà.*
 nariz CONJ boca
 ‘O nariz e a boca.’

Podemos observar com essas duas frases que a conjunção ‘*kənə*’ dependerá da ideia geral da frase. É o caso também de ‘*nə*’ que pode ser tanto a conjunção ‘e’ quanto a preposição ‘com’.

Vimos que o mundang apresenta uma serie de conjunções, cujo sentido depende muitas vezes do contexto de enunciação. Na próxima seção, o objetivo é apresentar as propriedades gramaticais dos advérbios.

3.2.6. ADVÉRBIOS

Os advérbios em mundang como em português modificam o verbo, o adjetivo ou outro adverbio. Eles aparecem depois do sintagma nominal ou no final da frase. Assim teremos advérbios de lugar que correspondem aos demonstrativos híè (aqui), hùò (lá) e hàà (ali) estudados previamente e outros advérbios de lugar conforme tabela abaixo:

Quadro 12. Os advérbios de lugar

híè	aqui
hùò	ali
háà	lá
təlà/ mər	embaixo
Kási	perto
kədiè	atras

Quadro 13. Advérbios de tempo

təsúh	ontem
(ka)bgak	jamais
təna	hoje
cúmki	algumas vezes
nə cúmki	as vezes
kəpəle	antes
cìi cìi	sempre
daka(be)	desde
so	depois
nəzanəne	amanhã
djìè	logo

Quadro 14. Advérbios de quantidade

kədə (ne)	quanto
pəlli	muito
djìè(da)	pouco
déi déi	bastante
fara	ainda/mais
dáj	tudo

Para afirmar e negar, usamos palavras que funcionam como advérbios, conforme segue abaixo:

Afirmação:

Héŋ (sim)

mahìi kote (talvez)

me fàà mo (vraiment)

má go gbák(é) (certamente)

Segue-se um exemplo:

(78a) – *Mo* *yá* *wól* *no* *ne*
PRON.2SG querer comida AFF INT
‘Quer comida?’

(78b) – *Héṅ* *me* *yá* *no.*
sim PRO.1SG querer AFF
‘Sim, eu quero.’

Negação:

Ka/ ya
‘não’

(79a) – *Yì* *kál-ra* *lekól* *be* *ne.*
criança;PL ir.PL escola PERF INT
‘As crianças foram para escola?’

(79b) – *Ara* *kál-ra* *ya.*
PRO.3PL ir.PL NEG
‘Elas não foram.’

(80a) – *Wasúò* *hìṅ* *mo* *suṅku* *ne.*
Wasúò dar PRON dinheiro INT
‘Wasúò te deu dinheiro?’

(80b) – *Ka.*
NEG
‘Não.’

‘Héṅ’ (sim) e ‘ka’ podem ser usados sozinhos nas frases.

3.3. ASPECTOS DA SINTAXE

Nesta seção, objetiva-se estudar a estrutura interna do sintagma nominal, do sintagma verbal e apresentar a ordem dos constituintes nucleares em mundang. Trata-se de buscar se a língua apresenta uma ordem SVO, OVS, SOV, VSO, VOS e OSV. Objetiva-se ainda apresentar a ordem dos adjuntos na ordem linear e as propriedades gramaticais das vozes ativas e passivas, categorias essenciais na análise dos dados deste trabalho.

3.3.1. ESTRUTURA INTERNA DO NP

Para descrever alguns dos aspectos da sintaxe do mundang, começamos mostrando a estrutura do sintagma nominal, do sintagma adjetival e do sintagma verbal da língua. O NP de base tem duas representações:

Nome + nome

- (81) *yel* *yaŋ*.
criança casa
'A criança da casa.'

Nome + determinante

- (82) *pah* *ahe*.
pai POSS.3SG
'Seu pai.'

Observamos que na estrutura nome + determinante, o determinante vem depois do nome e na estrutura nome + nome os nomes são justapostos um ao outro e o segundo age como determinante do primeiro veiculando uma ideia de

posse. Ele é que determina o sentido do SN. O sintagma adjetival em mundang se forma da seguinte maneira:

NP + AdjP

- (83) *yáŋ sah.*
casa beleza
'Uma casa linda.'

Percebemos com esse exemplo que o adjetivo sempre será posposto ao nome. Caso o adjetivo preceda o nome, o sentido da frase muda e a categoria do adjetivo se torna nome, conforme mostra exemplo a seguir:

- (84) *sah yáŋ.*
beleza casa
'A beleza da casa.'

A partir do exemplo acima, podemos observar que há a justaposição de dois nomes [nome + nome].

3.3.2. ESTRUTURA INTERNA DO VP

O verbo é o núcleo do sintagma verbal. Ele mantém com o NP na posição sintática de sujeito relações semânticas e sintáticas. Para identificarmos como se realiza a concordância sintática dentro da frase em mundang, é imprescindível observar a morfologia de número e pessoa que ocorre no verbo. Comparem-se os dados abaixo:

- (85a) *bíl dùù-ni.*
porco fugir-NV
'O porco escapou.'

(85b) *bil dũ̀-**ra**-ni.*
porco fugir-PL-NV
'Os porcos escaparam.'

(86a) *yaŋ liè-**ni**.*
casa cair-NV
'A casa caiu.'

(86b) *yaŋ liè-**ra**-ni.*
casa cair-PL-NV
'As casas caíram.'

(87a) *yel kál túki*
criança ir mato
'A criança foi ao mato.'

(87b) *yũ̀ kál-**ra** túki.*
Criança;PL ir-PL mato
'As crianças foram para o mato.'

Observa-se, pelas sentenças acima, que o plural na língua pode ser formado pelo morfema 'ra' que se junta ao verbo, conforme se observa nos exemplos (85b), (86b) e (87b). É importante salientar que o morfema 'ra' acrescentado a um elemento da sentença, ou no nome ou no verbo, já é suficiente para veicular a ideia de pluralidade da frase. Adicionar esse morfema a todos os elementos da sentença pode levar a agramaticalidade, conforme exemplos abaixo:

(88) **yáŋ-**ra** liè-**ra***
casa-PL cair-PL
'As casas caíram.'

- (89) **yì-ra* *dán-ra* *wààh-ra*
 cabra-PL entrar-PL campo-PL
 ‘As cabras entraram nos campos.’

3.3.3 ORDEM DOS CONSTITUINTES NUCLEARES

Em mundang, o NP que ocupa a posição sintática de sujeito, em geral, precede o verbo e concorda em número com ele. Contudo, a concordância entre o sujeito e o verbo não é sempre registrada, pois a marca do plural pode aparecer tanto no sujeito quanto no verbo, ou somente em um dos dois. Note-se que o morfema ‘ra’ em (90b) abaixo marca a concordância de número que se estabelece entre o sujeito e o verbo, em oposição ao morfema zero que marca sujeito singular em (90a). Na sentença (91) tanto o sujeito ‘yìi’ quanto o verbo ‘ruəra’ estão no plural, já no exemplo (92) somente o verbo carrega a marca do plural.

- (90a) *rák-Ø* *pə* *sah*
 comer-SG ser beleza
 ‘Ele comeu bem/muito.’

- (90b) *rák-ra* *pə* *sah*
 comer-PL ser beleza
 ‘Eles comeram bem.’

- (91) *yìi* *ruə-ra* *gəi.*
 crianças jogar-PL jogo
 ‘As crianças se divertem.’

- (92) *gì* *sùù* *pìù* *ah-ra* *ru-ra* *túk* *pəlli.*
 cabra corpo negro POSS.PL estragar-PL mata muito
 ‘Suas cabras negras cometem muito estragos.’

Note que nos exemplos (90a) e (90b) acima o sujeito e o objeto são omitidos, o que aponta que esta língua licencia sujeito e objeto nulos. O objeto nesta língua aparece sempre após o verbo, ordem SVO. Assim sendo, os pronomes pessoais na função sintática de objeto sempre aparecem depois do verbo, conforme mostram os dados abaixo:

- (93) *me kò ko be.*
 1.SG ver 3.SG PERF
 ‘Eu o vi.’
- (94) *me gí nə ra.*
 1.SG vir com 3.SG
 ‘Eu os trouxe.’
- (95) *za-swáà laí-ra ra.*
 PREF;PL-força aconselhar-PL 3.PL
 ‘Os velhos lhes deram conselhos.’
- (96) *yo è bəi yí Malai.*
 3.SG matar papo 3.SG Malai
 ‘Ele se confiou para Malai.’

Os dados acima apontam que tanto objetos diretos quanto objetos indiretos, que vêm precedidos por preposição, ocorrem após o verbo, emergindo a ordem sintática SVO.

Os dados apontados mostram que o mundang não apresenta concordância de pessoa entre o sujeito pronominal e verbo, exceto o morfema ‘ra’ que é sempre associado à terceira pessoa do plural. Comparem-se os exemplos a seguir:

- (97) *me doŋ yebe*
 1.SG fazer trabalho
 ‘Eu trabalho.’
- (98) *mo doŋ yebe*
 1.sg fazer trabalho
 ‘Você trabalha.’
- (99) *a doŋ yebe*
 3.sg fazer trabalho
 ‘Ele trabalha.’
- (100) *aru dóŋ yebe.*
 1.PL fazer trabalho
 ‘Nós trabalhamos.’ (exclusivo)
- (101) *ana doŋ yebe*
 1.PL fazer trabalho
 ‘Nós trabalhamos.’ (inclusivo.)
- (102) *wi doŋ yebe*
 2.PL fazer trabalho
 ‘vocês trabalham.’
- (103) *ara doŋ-ra yebe*
 3.PL fazer-PL trabalho
 ‘Eles trabalham.’

3.3.4. ORDEM DOS ADJUNTOS NA ORDEM LINEAR

O mundang apresenta complementos circunstancias que podem ser de três tipos, a saber: circunstâncias de tempo, de causa e de lugar. Dados de complemento circunstancial de tempo são arrolados abaixo:

- (104) *za gwó kâl-ra tásóò.*
 pessoas estrangeiro ir-PL ontem
 ‘As visitas foram embora ontem.’

(105) *yì kàl-ra túki dáka pím.*
 crianças ir-PL mato desde manhã
 ‘As crianças foram para o mato desde manhã.’

(106) *me ya gā yaŋ mò nə kálé.*
 PRON querer ir casa POSS com seca
 ‘Irei ao vilarejo durante a estação seca.’

Note que, nos exemplos acima, os complementos circunstanciais de tempo são expressos pelos advérbios ‘təsùò’, ‘dáka’ e ‘pím’, que indicam o momento em que a ação ocorreu. Ele pode ser expresso também pela preposição ‘nə’, que confere ao substantivo que introduz um valor temporal.

O complemento circunstancial de lugar ocupa posição após o verbo e o objeto, ordem [[SVO] XP_{Lugar}], conforme mostram os exemplos a seguir:

(107) *Pah ah kàl tuki.*
 pai POSS ir mato
 ‘seu pai foi para o mato.’

(108) *Yo kàn tii tə tǎlli.*
 3.SG colocar vaso PREP cabeça
 ‘ela colocou o vaso na cabeça.’

O terceiro complemento circunstancial que é de causa, é introduzido pela conjunção ‘gam’, cujo o papel na frase abaixo é introduzir uma oração que denota causa, conforme abaixo.:

(109) *mah ah é gam yo doŋ dine.*
 mãe POSS bater porque ele fazer besteira
 ‘Sua mãe o bateu porque ele fez besteira.’

Depois de apresentar brevemente os complementos circunstanciais em mundang, a próxima seção tem por objetivo discutir dois outros aspectos gramaticais que serão importantes no desenrolar desse trabalho. Trata-se do ‘patientif’, que corresponde à voz passiva e à voz reflexiva.

3.5. A CATEGORIA VOZ/PATIENTIF

Elders (2000) aponta que os verbos intransitivos propriamente ditos, isto é, sem objeto, são bem poucos na língua e, na sua grande maioria, são verbos de movimentos. Esses verbos de movimentos vêm acompanhados do sintagma preposicional tipo ‘fugir na frente de alguém’ ao invés de ‘fugir de alguém.’ Alguns verbos de movimentos podem ser seguidos de nomes, porém esses nomes são considerados como adjuntos, pois eles não podem ter interpretação passiva. A maioria desses verbos apresentam um sujeito agentivo, exceto verbos do tipo ‘cair’, cujo o sujeito é paciente. Outro tipo de verbos intransitivos são verbos de estado. Esses verbos descrevem um processo no imperfectivo no sentido de ‘se tornar algo’ ou ‘obter algo, ou o resultado de um processo no perfectivo tendo como significado ‘estar/ser algo’ ou ‘ter obtido’. Eles apresentam o sujeito paciente. Seguem-se alguns exemplos:

- (110) *dəlii be kocwak be*
avô POSS envelhecer PERF
‘Meu avô está velho.’

- (111) *təsuo be taa be*
 roupa POSS envelhecer PERF
 ‘Minha roupa está velha.’

Para Elders (2000), o ‘patientif’ é considerado uma interpretação e não uma construção passiva propriamente dita, pois ele não difere na sintaxe de um verbo que aparece somente na forma intransitiva como o verbo ‘cair’ que apresenta nitidamente um sujeito paciente. A diferença entre um sujeito ‘patientif’ e um sujeito paciente é que o primeiro apresenta uma tendência transitiva. Acompanhando a proposta de Elders (2000), adotaremos aqui o termo ‘patientif’ para nos referirmos ao sujeito de verbo intransitivo cuja interpretação semântica é de paciente. Esse sujeito é o objeto da construção transitiva. O autor afirma que esse tipo de construção pode levar a confusão e ser interpretado de duas maneiras: (i) pode ser uma estrutura na voz ativa onde o objeto é omitido; (ii) pode ser uma construção com interpretação passiva. Para distinguir as duas interpretações, o contexto de enunciação tem um papel importante, conforme mostram exemplos retirados de Elders (2008:315):

- (112) *mè biŋ be*
 1.SG dar à luz PERF
 ‘Eu dei à luz/eu nasci.’

- (113) *kùù be dʊk be*
 madeira POSS bater PERF
 ‘A madeira foi destruída (pelos gorgulhos) / a madeira bateu várias vezes.’

- (114) *hím* *rùo* *be*
 cerveja estragar PERF
 ‘A cerveja estragou.’

Analisando as sentenças (112) e (113), nota-se que duas interpretações das frases podem ser apuradas, a saber: uma em que o sujeito é agente e outra em que o sujeito é o ‘patientif’. Uma ou outra interpretação dependerá do contexto em que a frase é dita. Já nas sentenças abaixo, retirados de Elders (2000:315), apenas uma leitura é possível, ou seja, a interpretação passiva.

- (115) *hwál* *zə-ni*
 fubá de painço cozinhar-NV
 ‘O fubá de painço cozinha.’

- (116) *hwál* *zə* *be*
 fubá de painço cozinhar PERF
 ‘O fubá de painço está cozido.’

Observa-se também nesses exemplos que o ‘patientif’ aparece com o perfectivo e o imperfectivo. Isso acontecerá com as construções com interpretação passiva, porém o perfectivo aparece com maior frequência do que o imperfectivo.

Assim como a voz passiva, o reflexivo ocupa um lugar importante nesse trabalho. O reflexivo em mundang se forma a partir de duas partículas *sùu* (corpo) + possessivo, esse último deve corresponder ao sujeito, porém a sua presença não é obrigatória. A combinação de *sùu* + possessivo não se refere sempre ao

reflexivo, ele pode ser interpretado no sentido próprio do termo ‘corpo’. As sentenças seguintes exemplificam essas afirmações:

(117) *mè kò sùù be*
1.SG ver:NV corpo POSS
‘Vejo meu corpo/ eu me vejo.’

(118) *gʷó cie sùù-yaà⁸*
cachorro enrolar corpo-POSS.3SG
‘O cachorro se enrolou.’

(119) *mè yàk sùù*
1SG descansar corpo
*‘Eu me descanso.’

Podemos notar que no exemplo (117) ‘suu’ pode ser interpretado tanto como reflexivo quanto como o sentido literal de ‘corpo’. O exemplo (118) é reflexivo e o exemplo (119) apresenta uma construção reflexiva com ausência do possessivo.

⁸ Elders (2000) nomeia o possessivo de terceira pessoa do singular de ‘yaa’ enquanto Mairama Rosalie usa o termo ‘be’. Termo que é adotado nesse trabalho.

3.3.6. RESUMO DO CAPITULO

Apresentamos neste capítulo aspectos da morfologia das principais classes de palavras em mundang. Vimos que a língua sendo isolante prefere o processo de justaposição para a formação de novas palavras. Nota-se ainda que a ordem no interior do sintagma nominal é nome+determinante, de modo que adjetivos possessivos, adjetivos demonstrativos, adjetivos indefinidos e numerais sempre figuram após o nome. Foi estudado também que os pronomes pessoais na posição de sujeito e na posição de complementos apresentam formas semelhantes, de sorte que muitas vezes podem ser confundidos uns ao outro. Outra característica do mundang é que apresenta duas estruturas diferentes para primeira pessoa do plural: o inclusivo e o exclusivo.

Vimos ainda nesse capítulo alguns aspectos da sintaxe do mundang, cujo foco foi apresentar uma descrição geral sobre a ordem dos constituintes em orações principais. A língua apresenta uma ordem SVO, o que nos levou à conclusão de que complementos do verbo sistematicamente o seguem. Por fim, fizemos uma breve descrição das construções passivas e reflexivas na língua. Foi visto que existe uma diferença entre verbos que apresentam nitidamente sujeito paciente como ‘cair’ de verbos que tem tendência a serem transitivos e apresentam um sujeito chamado de ‘patientif’. Em relação ao reflexivo, vimos que ele se forma pela estrutura ‘suu + ahe’.

O objetivo do próximo capítulo é apresentar o aporte teórico que servirá de base para a análise que elaboramos sobre as raízes verbais no mundang.

CAPITULO 4: APORTE TEÓRICO

Neste capítulo, o objetivo é apresentar o quadro teórico por meio do qual a análise se ancorará. Para tal, subdividimos esta seção em duas subseções, a saber: a seção 4.1 define a noção de alternância causativa e a seção 4.2 apresenta as classes das raízes verbais, acompanhando o essencial da proposta de Schafer (2008).

4.1 NOÇÃO DE ALTERNÂNCIA CAUSATIVA

Schafer (2008), se baseia na teoria de alternância causativa desenvolvida por Alexiadou et al (2006 a, b), conforme a qual verbos que passam pela alternância causativa são verbos que apresentam tanto a versão transitiva quanto a versão não transitiva. No intuito de compreender o fenômeno de alternância causativa, Levin e Rapaport Hovav (1995, p. 79) explicam que ‘Os verbos que participam dessa alternância mostram usos transitivos e intransitivos, de modo que o uso transitivo tem aproximadamente o significado causar para V-intransitivo’⁹. As autoras acrescentam que existe a mesma relação semântica entre as variantes transitivas e intransitivas, pois o sujeito da transitiva corresponde ao objeto da intransitiva, o que lhes confere o mesmo papel semântico. As autoras assumem que a

⁹*The verbs that participate in this alternation show transitive and intransitive uses, such that the transitive use has roughly the meaning cause to V-intransitive.* Levin e Rapaport Hovav, 1995, p. 79

alternância causativa pode ser usada como diagnóstico da inacusatividade, pois o verbo intransitivo possui na realidade a estrutura sintática abstrata de um inacusativo. Tanto Schafer (2008) quanto Levin e Rapaport Hovav (1995) propõem que verbos de mudança de estado passam pela alternância causativa. A seguir, observam-se verbos de mudança de estado em inglês, em português e em mundang:

Inglês:

(120a) *Pat opened the window*
 Pat abrir.PST a janela
 ‘Pat abriu a janela.’

(120b) *The window opened*
 A janela abrir.PST
 ‘A janela se abriu.’

Português:

(121a) João abriu a janela

(121b) A janela abriu

Mundang:

(122a) *mama bəl zafaa be*
 mama abrir porta PERF
 ‘A mãe abriu a porta.’

(122b) *zafaa bəl suu ah be*
 porta abrir corpo POSS PERF
 ‘A porta se abriu.’

Todavia, esses autores salientam que não são todos os verbos de mudança de estado que alternam. Schafer (2008) demonstra, por exemplo, que este é o caso do verbo ‘cut’ (cortar) em inglês, que apresenta todas as características para sofrer alternância causativa, porém, ele não permite a forma anticausativa.

Comparem-se os dados a seguir:

(123a) *The baker cut the bread*
o padeiro cortar.PST o pão
‘O padeiro cortou o pão.’

(123b) **The bread cut*
o pão cortar.PST
‘O pão se cortou.’

Esse fenômeno é explicado na literatura por meio de conceitos de passivas e anticausativas. Enquanto as passivas apresentam um argumento externo implícito, o qual pode vir realizado pelo DP na função sintática de agente da passiva, as anticausativas não licenciam esse argumento. Essa presença versus ausência do argumento externo se explica pelo fato de as passivas poderem ser modificadas por um agente introduzido por ‘by-phrases’, um adverbio agentivo e permitirem a presença da propriedade de controle em orações de finalidade.

Comparem-se os dados a seguir:

(124a) *The boat was sunk by Bill*
o barco ser.PST afundar por Bill
‘O barco foi afundado pelo Bill.’

- (124b) **The boat sank by Bill*
o barco afundar.PST por Bill
‘O barco afundou pelo Bill.’
- (125a) *The boat was sunk on purpose*
o barco ser.PST afundar de proposito
‘O barco foi afundado de propósito.’
- (125b) **The boat sank on purpose*
o barco afundar.PST de proposito
‘O barco afundou de propósito.’
- (126a) *The boat was sunk to collect the insurance*
o barco ser.PST afundar PREP recolher o seguro
‘O barco foi afundado para recolher o seguro.’
- (126b) **The boat sank to collect the insurance*
O barco afundar.PST PREP recolher o seguro
‘O barco afundou para recolher o seguro.’¹⁰

Além do mais, qualquer verbo transitivo pode ser passivizado, enquanto só um conjunto desses verbos aceita as suas correspondentes anticausativas. Em suma, os dados acima demonstram que um verbo como ‘quebrar’ aceita tanto a passiva quanto a anticausativa, enquanto um verbo como ‘cortar’ forma somente a passiva, mas não a estrutura anticausativa.

De maneira geral, podemos assumir que as causativas e anticausativas derivam mutualmente uma da outra, ou seja, uma variante da alternância constitui a construção de base, já a outra variante deriva dessa última. Lakof (1968, 1970),

¹⁰ Exemplos de Schafer, 2008, p116

Dowty (1979), Williams (1981), Pesetsky (1995) defendem, por exemplo, que a variante causativa deriva da estrutura anticausativa. Eles chamam esse processo de causativização. Esse fenômeno explicaria a ausência do argumento externo nas anticausativas, pois elas são monádicos. A causativa se forma acrescentando o predicado CAUSE à decomposição semântica da anticausativa conforme diagrama abaixo:

(127a) $\text{Break}_{\text{incho}}: \lambda x [\text{BECOME broken } (x)]$

(127b) $\text{Break}_{\text{caus}}: \lambda y \lambda x [(y) \text{ CAUSE } [\text{BECOME broken } (x)]]$

A segunda abordagem postula a favor do processo chamado destrantivização. Para seus defensores, como Levin & Rappaport (1995) e Reinhart (2002), as anticausativas são formadas a partir das transitivas, isso explicaria a ausência de argumento externo implícito em anticausativas.

Alexiadou e al (2006a, b) se posicionam contra essas duas abordagens. Para eles, não existe derivação direta da anticausativa para causativa e vice-versa. Eles criticam a anticausativa como sendo a estrutura de base a partir da qual a derivação se processa, argumentando que várias línguas marcam morfologicamente a anticausativa e não a variante causativa. Essa marca morfológica pode ser um pronome reflexivo como nas línguas românicas ou um morfema não-estativo como ocorre no dado do russo a seguir:

(128a) *katat*'-sja

Rolar-ANTC

'rolar (intransitivo)'

(128b) *katat*

'rolar (transitivo)'¹¹

A destrantivização enfrenta o mesmo problema que a causativização, pois existem línguas que, ao invés de marcar a vertente anticausativa, marcam morfologicamente a estrutura causativa. Esse fenômeno se observa na língua Georgiana abaixo:

(129a) *duγ*-s

'cozinhar (intransitiva)'

(129b) *a-duγ*-ebs

'cook (transitiva)'¹²

Além de não fornecer explicações sobre essa variação morfológica entre as línguas, as duas teorias enfrentam outro problema relacionado às restrições verbais e restrições de seleção. Um verbo do tipo 'cortar', sendo de mudança de estado, não forma anticausativa. Ele aparece somente na forma transitiva. Se seguirmos a lógica da abordagem de causativização, esse verbo não existiria, pois sua base de derivação (anticausativa) não existe. Sendo assim, não se pode concluir que a causativa deriva da anticausativa pelo acréscimo de CAUSE. Do

¹¹ Exemplos de Schafer, 2008, p120

¹² Exemplos de Schafer, 2008, p120

mesmo jeito, somente um conjunto de verbos apresentam o par intransitivo devido ao tipo de argumento interno que selecionam, já a variante causativa não impõe esse tipo de restrições quanto à seleção do argumento interno. A destrativização segue a mesma lógica com verbos do tipo ‘florescer’, cuja propriedade de mudança de estado se encontra inerente ao argumento interno, razão pela qual esse verbo não precisa de força externa para provocar a mudança de estado e isso implica a ausência de uma variante transitiva como base para formar anticausativas e, conseqüentemente, a não existência dessa categoria verbal.

O último problema enfrentado pelas duas teorias diz respeito ao tipo de argumento introduzido por PP em passivas e anticausativas. Em inglês, as passivas licenciam agentes, causas, eventos causadores e instrumentos como PP, já as anticausativas não licenciam ‘by-phrases’, mas licenciam causas e eventos causadores introduzidos por ‘from’. Isso descarta agentes e instrumentos. As anticausativas em inglês licenciam também ‘by itself’. Chierchia (2004) e Levin & Rappaport Horav (1995) atribuem esse fato a presença do núcleo CAUSE na LSR das anticausativas. Essas evidências levam à conclusão de que não se pode determinar a classe de verbos de alternância verbal se baseando apenas no papel temático do argumento externo. A diferença entre passivas e anticausativas

também não se verifica em termo de argumento implícito, mas sim se houver a presença da propriedade de agentividade e de controle.

Para Alexiadou et al. (2006a, b), tanto a variante causativa quanto a variante anticausativa derivam da mesma fonte. Para eles, esta fonte tem a ver com a presença de uma raiz de categoria neutra que forma esses verbos, conforme a decomposição a seguir:

(130) Decomposição abstrata de anticausativas

[CAUS [$\sqrt{\text{Root}}$ + DP_{theme}]]

(131) Decomposição abstrata de anticausativas

[DP_{ext.arg} VOICE [CAUS [$\sqrt{\text{Root}}$ + DP_{theme}]]]

Kratzer (1996) argumenta que causativas e anticausativas têm a mesma decomposição do evento. O componente CAUS está presente em causativas, mas também em anticausativas, porém elas diferem quanto à presença do núcleo Voice em causativas e a sua ausência em anticausativas. Sendo assim, a alternância causativa implica uma alternância de Voice. Pylkkänen (2008) atribui ao Voice a responsabilidade de introduzir o argumento externo. O Voice apresenta características relacionadas ao papel temático do argumento externo. O Voice agentivo, Voice [+AG], licencia agentes e instrumentos em frases ativas e passivas, enquanto o Voice não agentivo, Voice [-AG] licencia também uma causa. Evidência a favor dessa análise tem a ver com o fato de as preposições tipo 'from' do inglês em anticausativas são tematicamente licenciados pelo

núcleo CAUSE e não por um núcleo Voice. Em suma a proposta que iremos assumir neste trabalho é a de que as construções anticausativas e causativas não derivam uma da outra, mas antes se estruturam a partir de uma raiz verbal comum.

Para haver alternância causativa, o verbo deve apresentar par transitivo e anticausativo. A anticausativa pode ser marcada morfologicamente de várias formas dependendo da língua. O inglês, por exemplo, não marca a anticausativa, conforme se pode observar no exemplo a seguir:

(132) *the window broke*
a janela quebrar.PST
'A janela quebrou.'

O grego e o francês diferentemente do inglês podem marcar a anticausativa de três maneiras diferentes. Essas marcações se dividem em três classes distintas. A classe A se refere às anticausativas marcadas morfologicamente, a classe B corresponde as anticausativas não marcadas e na classe C tanto a classe A quanto a classe B são possíveis. Contudo, enquanto o grego marca as anticausativas com morfologia de Voice não-ativa, o francês, como as línguas romanas, marca a anticausativa por meio do pronome reflexivo 'se', conforme indicam exemplos a seguir:

(133) *i supa keg-ete*
a sopa.NOM queimar.NACT

‘A sopa está queimando.’¹³

(134) *le vase s' est cassé*
o vaso REFL AUX.ser PASTP.quebrar
‘O vaso quebrou.’

Para vários autores como Haspelmath (1993), Reinhart (2000, 2002) e Schäfer (2008) as anticausativas podem ser marcadas pelo clítico reflexivo ou por uma morfologia flexional específica. Em síntese, assumiremos, doravante, que as raízes verbais trazem informações que determinam se um verbo passa ou não passa pela alternância causativa. Nessa linha de investigação, Schafer (2008) classifica os verbos em diferentes classes semânticas.

O objetivo da próxima seção é apresentar detalhadamente a tipologia de raízes verbais proposta por Schafer (2008).

4.2.AS CLASSES DE RAÍZES VERBAIS

Para Alexiadou et al (2006a, b), as classes de raízes apresentam entradas lexicais que trazem informações que determinam parcialmente se um verbo sofre alternância causativa ou não. Já o núcleo CAUSE combina com todos os tipos de raízes verbais, porém é a classe enciclopédica que decide se a raiz pode combinar-se com um Voice específico localizado acima do CAUSE ou não.

¹³ Exemplo de Alexiadou, Anagnostopoulou, e Schäfer, 2015, p19

Desse modo, Schafer (2008) classifica as raízes verbais em quatro categorias, a saber: verbos agentivos, verbos de causa externa, verbos de causa interna e verbos de causa inespecífica. Os verbos considerados altamente espontâneos por Haspelmath (1993) não precisam de uma causa externa para desencadear a ação, são verbos de causa interna do tipo ‘blossom’ (florescer). Verbos que não apresentam espontaneidade combinam com o Voice. São verbos que precisam de um causador externo, entram nessa categoria verbos agentivos e verbos causados externamente. Os verbos de causa inespecífica ficam a meio caminho, pois apresentam uma espontaneidade relativa, por isso eles podem ocorrer com ou sem uma força externa, ou seja, podem projetar um agente ou causa externa.

Nas próximas subseções, o objetivo é delimitar cada categoria verbal em detalhe. Começamos, então, pelos verbos agentivos.

4.2.1. VERBOS AGENTIVOS

As raízes de causa agentiva descrevem eventos que ocorrem com uma força externa e precisam de uma sintaxe transitiva para realização da eventualidade descrita pelo verbo. Por esta razão, esses verbos não formam anticausativa. Elas licenciam a projeção do núcleo Voice acima de CAUSE. Segundo Schafer (2008), verbos agentivos restringem a posição de argumento externo no contexto de Voice [+AG], o qual tem controle sobre a ação. Esses

verbos licenciam agentes e instrumentos em voz ativa na posição do especificador e em voz passiva como argumento implícito. Verbos do tipo de cortar e assassinar são considerados verbos agentivos, conforme mostram os exemplos a seguir:

(135a) Papai cortou o pão (sujeito agente)

(135b) *O raio cortou o banco (sujeito causa)

(135c) *O banco cortou (anticausativa)

(136a) O ladrão assassinou o chefe (sujeito agente)

(136b) *A chuva assassinou o chefe (sujeito causa)

(136c) *O chefe (se) assassinou (anticausativo)

Alguns argumentos internos associados a verbos que sofrem alternância tipo ‘quebrar’ precisam de uma força externa para realizar a eventualidade do verbo. Essa combinação verbo + objeto é essencialmente agentivo. A seguir, um exemplo tirado do inglês.

(137a) *He broke his promise*
 ele quebrar.PST sua promessa
 ‘Ele quebrou sua promessa.’

(137b) **The bad weather broke his promise.*
 o ruim tempo quebrar.PST sua promessa
 ‘A tempestade quebrou sua promessa.’

(137c) **His promise broke.*
 sua promessa quebrar.PST
 ‘Sua promessa quebrou.’¹⁴

¹⁴ Exemplos de Levin e Rappaport, 1995, p.85-86

O grego já difere do inglês e apresenta anticausativa para verbo + objeto, considerado agentivo, conforme exemplos a seguir:

(138a) *O athlitis espase to simvolaio/ to pagkosmio*
 o atleta quebrou o contrato/ o mundial
record
 recorde
 ‘O atleta quebrou o contrato/ o recorde mundial.’

(138b) *To simvolaio/ to pagkosmio record espase apo*
 o contrato/ o mundial record quebrou por
mono tu
 mesmoele
 *‘O contrato/ o record mundial quebrou por ele mesmo.’¹⁵

Essa diferença nas duas línguas pode ser explicada pelo fato de que não existem equivalências entre as línguas. Uma palavra em inglês não mantém sempre o mesmo significado, quando é traduzido para o grego.

Em suma, assumiremos que tanto verbos agentivos quanto verbos de causa externa precisam de argumento externo. Estes últimos serão analisados na próxima subseção.

¹⁵ Exemplos de Alexiadou, Anagnostopoulou, e Schäfer, 2015, p60

4.2.2. VERBOS DE CAUSA EXTERNA

Os verbos de causa externa à semelhança a verbos agentivos são considerados não espontâneo, isto é, precisam de uma força externa para desencadear a ação. Enquanto verbos agentivos aceitam somente um Voice [+AG], na posição de argumento externo, os verbos de causa externa, por sua vez, combinam com Voice [-AG] além do Voice [+AG], o que explica o fato de licenciarem causadores na posição de sujeito. Schafer (2008:141) considera esse tipo de verbos, como aqueles que não formam anticausativas: ‘Um grupo menor de verbos que permite tanto agentes como causadores na posição de sujeitos, mas, no entanto, não forma anticausativos.’¹⁶ Entretanto, ele afirma que no francês, o verbo destruir ‘détruire’, sendo de causa externa, sofre alternância causativa. O grego apresenta alternância causativa para verbos ‘destruir’ e ‘matar’, verbos que, segundo Schafer não formam a construção anticausativa. Segue um exemplo com o verbo destruir em grego:

(139a) *O Petros/i fotia/ i vomva katestrepse to paketo.*
o Peter/o fogo/ a bomba destruí o pacote
‘Peter/o fogo/a bomba destruí o pacote.’

¹⁶ ‘A smaller group of verbs that allows agents as well as causers as subjects but, nevertheless, does not form anticausatives.’ Schafer, 2008, p141

(139b) *To paketo katastrafike apo/ me tin fotia/ me tin*
 O pacote destruí.NAct por/ com o fogo / com a
vomya
 bomba
 ‘*O pacote destruí pelo fogo/ a bomba.’¹⁷

A razão dessa discrepância entre as línguas, como já foi dito, tem a ver com a não equivalência entre as línguas. Mais precisamente, podemos assumir que as línguas podem apresentar diferenças semânticas sutis que a tradução não consegue manter. Alexiadou, Anagnostopoulou, Schäfer (2015), por exemplo, apontam a diferença entre o verbo destruir em inglês e grego. No inglês, o verbo não pode alternar, enquanto no grego pode, conforme mostram os exemplos.

(140a) *John / the fire / the bomb destroyed the manuscript.*
 John/ o fogo/ a bomba destruir.PST o manuscrito
 ‘John/o fogo/a bomba destruí o manuscrito.’

(140b) **The manuscript destroyed*
 o manuscrito destruir.PST
 ‘O manuscrito destruí,’

(141a) *O Petros / i fotia / i vomva katestrepse to paketo.*
 the Peter / the fire / the bomb destruir.PST o pacote
 ‘Peter/the fire/the bomb destruí o pacote.’

(141b) *To paketo katastraf-ike apo mono tu.*
 o pacote destruído.NAct por mesmo si
 ‘O pacote foi destruído por si mesmo.’

¹⁷ Exemplos de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2015, p59

Na subseção a seguir, descrevemos o comportamento de verbos de causa interna.

4.2.3. VERBOS DE CAUSA INTERNA

As raízes de causa interna descrevem eventos de mudança de estado que não são diretamente causados por uma força externa, visto que a causa da mudança de estado é inerente ao único argumento que sofre a dita mudança, razão pela qual elas não causativizam. Por ser altamente envolvido na mudança de estado, o argumento interno não precisa ser externamente controlado. Essa raiz combina com CAUSE e não aceita Voice por ser causado internamente. A razão pela qual essa raiz mantém um significado causativo é o fato de poder ser licenciado por um PP causador, conforme exemplo abaixo:

(142a) *The flowers wilted from the heat* (causa indireta)

Entretanto, o PP causador, quando combinado a essa raiz verbal, age indiretamente na mudança de estado do tema. Em suma, verbos de causa interna não podem formar causação direta, conforme mostram as sentenças agramaticais a seguir:

(142b) **The gardener blossomed the flower*
O jardineiro florescer.PST a flor
*‘O jardineiro floresceu a flor.’

(142c) **The warm weather blossomed the flower*

O quente tempo florescer.PST a flor
*‘O clima quente floresceu a flor.’

(142d) *The flower blossomed*
A flor florescer.PST
‘A flor floresceu.’¹⁸

A próxima seção apresenta as propriedades sintático-semânticas de verbos de causa inespecífica.

4.2.4. VERBOS DE CAUSA INESPECÍFICA

Em consonância com Schafer (2008), as raízes de causa inespecífica são aquelas que não têm uma causa especificada, os eventos podem ocorrer com ou sem argumento externo e possibilita a alternância entre estruturas transitivas e intransitivas. Na sua forma transitiva, o argumento externo pode ter os papéis temáticos de agente ou causa, enquanto a variante intransitiva não possui argumento externo implícito responsável por realizar o evento. Entra nesta lista o verbo ‘break’, conforme mostram os exemplos a seguir:

(143a) *The vandals broke the window*
os vândalos quebrar.PST a janela
‘Os vândalos quebraram a janela.’

(143b) *The storm broke the window*
a tempestade quebrar.PST a janela
‘A tempestade quebrou a janela.’

(143c) *The window broke*
a janela quebrar.PST

¹⁸ Exemplos de Schafer, 2008, p.123

‘A janela quebrou.’

Nas construções anticausativas, a presença da estrutura ‘by itself’ mostra claramente que não existe Voice responsável pela presença do argumento externo, mas sim a presença do núcleo CAUS por causa da ausência de argumento externo implícito, conforme se pode notar pelo exemplo abaixo:

(144) *the vase broke by itself*
o vaso quebrar.PST por ele mesmo
‘O vaso quebrou por si mesmo.’

4.5. RESUMO DO CAPITULO

Após apresentar, neste capítulo, as principais assunções teóricas que servirão de base para a análise, isto é, as propriedades das raízes verbais agentivas, causadas externamente, de causa inespecífica e de causa interna tais como apresentado pelo Schafer (2008), interessa-nos apresentar, no próximo capítulo, a análise teórica dos dados colhidos sobre as raízes verbais em mundang.

CAPITULO 5: NATUREZA DAS RAÍZES VERBAIS

A coleta dos dados sobre as raízes verbais no mundang foi feita por meio de elicitación de dados com intuito de direcionar a coleta sobre a natureza das raízes verbais. As sentenças submetidas aos informantes foram coletadas a partir de verbos retirados principalmente de livros e artigos científicos. Mais precisamente aplicamos os testes propostos por Schafer (2008), Levin and Rappaport (1995) e Rappaport Hovav (2013), dentre outros. Os verbos e sentenças tiradas desses manuais foram traduzidas primeiramente do inglês para o português, em seguida do português para o francês. Os informantes receberam as sentenças em francês e tiveram que traduzir para o mundang. Retornos constantes foram feitos com os informantes para verificar a gramaticalidade de algumas sentenças. O fato de eu entender razoavelmente a língua foi um fator importante nesse teste de gramaticalidade. Na seção a seguir, apresentamos com mais detalhes a metodologia que foi empregada durante a elaboração do trabalho.

5.1. METODOLOGIA

A coleta de dados buscou fazer uma análise descritiva baseada na categorização das raízes verbais, tal como delineado em Schafer (2008). Para tal, buscamos primeiramente analisar como se dá a propriedade das raízes agentivas, de causa externa, de causa interna e de causa inespecífica nas línguas mais

conhecidas como no inglês, alemão, grego e francês. A partir da leitura da bibliografia, foi levantado um número de verbos de acordo com os quatro tipos de categorias verbais. Em seguida, foram elaboradas uma quantidade de sentenças em francês que foram em seguida submetidas aos informantes do mundang.

Os dados foram coletados junto a quatro falantes nativos da língua, duas mulheres e dois homens. Nem todos sempre responderam às perguntas, alguns às vezes sim, outros às vezes não. Os quatro informantes são falantes nativos do mundang e nasceram na região do extremo norte onde a língua é bastante falada. Além do mundang, cada informante fala francês e ffulde, língua franca da parte norte de Camarões. O primeiro informante masculino tem 59 anos e é médico. O segundo tem 37 anos e é técnico em agricultura. A terceira informante tem 49 anos e é dona de casa. Por fim, a quarta informante tem 27 anos e mestre em Direito. Todos os informantes falam o mundang desde criança, apesar de três morarem em Yaoundé, capital de Camarões, onde o mundang não é uma das línguas faladas. Há outro falante que mora na região norte do país e tem mais acesso a língua. Tivemos um quinto informante, também nativo da língua, morando na parte norte de Camarões, região onde o mundang é falado. A diferença entre esse informante e os outros é que, por ser doutorando em linguística do mundang, possui bastante conhecimento sobre a gramática da

língua. O papel desse informante foi principalmente tirar as dúvidas sobre alguns aspectos da gramática da língua e sobre a (a)gramaticalidade das frases submetidas à tradução na língua mundang.

A coleta dos dados foi feita à distância por meio de um aplicativo de mensagens. Vários questionários contendo sentenças com as diferentes categorias verbais foram enviados para os informantes para serem traduzidas. Os informantes, por sua vez, retornavam o questionário com as respectivas traduções em mundang. A resposta dos informantes foi feita em forma de áudio, pois nenhum dos informantes tem conhecimento sobre transcrição fonética da língua. Em seguida, os áudios foram transcritos manualmente com ajuda da gramática do Elders (2000), da dissertação do doutorado da Rosalie Mairama e do dicionário da língua mundang. Depois da transcrição dos dados, surgiam dúvidas que iam sendo submetidas aos informantes na tentativa de solucioná-las. Como foi mencionado antes, o falante linguista teve um papel importante na resolução de questões gramaticais sobre alguns dados. Os testes de base foram retirados de vários autores, mas também de elaboração própria e aplicados ao mundang como mostra esse comando submetido aos informantes:

Bonsoir! Tu peux me traduire ces phrases en moundang. Si la traduction n'est pas possible en Moundang ou si elle n'a pas de sens, il faut signaler stp.¹⁹

*1-le boutiquier a coupé le pain
L'éclair a coupé le banc
Le pain s'est coupé*

*2-Jean a détruit le champ
L'explosion a détruit le champ
Le champ s'est détruit*

*3-l'arbre a fleuri
Papa a fleuri l'arbre
La chaleur a fleuri l'arbre*

*4-Maman a ouvert la porte
La porte s'est ouverte*

Depois do retorno do informante, seguiu-se uma serie de tarefas, iniciando-se pela transcrição, seguido da análise dos dados e terminando com levantamento de hipóteses que, por sua vez, nos levaram de volta aos informantes para verificar se as hipóteses se confirmavam ou não. As dúvidas eram tiradas com todos os informantes, mas principalmente com o informante linguista. A seguir, uma conversa com o informante linguista para tentar decifrar a diferença entre a construção 'suu ahe' que expressa o reflexivo e o morfema 'ni' que marca o imperfectivo, principalmente associado ao uso do tempo presente em mundang.

¹⁹ As sentenças foram submetidas aos informantes em francês, sendo uma das línguas oficiais de Camarões junto com inglês.

É importante salientar que a maior parte das conversas foram feitas sob forma de áudio:

Bonsoir! Comment tu vas? Ça fait longtemps! J'ai un petit doute, si tu peux m'aider. Quand je dis en Moundang:

(145) *wah ru-ni*
campo destruir-NV
'O campo destrói.'

(146) *wah ru suu ahe*
campo detruire corpo POSS
'O campo (se) destruí.'

Comment tu comprends ces deux phrases? C'est la même chose pour toi? Même question pour ces 2 phrases:

(147) *wah ju-ni*
campo queimar-NV
'O campo queima.'

(148)? *wah ju suu ahe*
campo queimar corpo POSS
'O campo (se) queimou.'

Outro problema enfrentado foi descobrir se as construções incoativas eram anticausativas mesmo ou se se tratavam de construções passivas sem a projeção de argumento externo explícito. Um comentário de um dos informantes, durante a tradução dos dados, nos levou a levantar como hipótese de que as

construções anticausativas são afinal passivas, conforme se nota pela transcrição dos dados a seguir:

1-L'ingénieur a dessiné la maison

‘O engenheiro desenhou a casa.’

2-La maison s'est dessinée

‘A casa desenhou.’

Ao repetir a sentença (2), o informante disse ‘la maison a été dessinée’²⁰ o que corresponde a voz passiva. Outra dificuldade foi o tempo de espera entre a submissão do questionário e a resposta dos informantes. O avanço do trabalho dependia do acesso dos informantes ao aplicativo de mensagens, podendo demorar meses como foi o caso com o nosso informante linguista. Com essa troca de mensagens, conseguimos solucionar os problemas enfrentados e consequentemente estabelecer as propriedades gramaticais das várias raízes verbais em mundang.

A próxima seção tem por objetivo apresentar a análise de como se comportam os tipos de raízes verbais em mundang.

²⁰ Tradução: a casa foi desenhada

5.2. NATUREZA DAS RAÍZES VERBAIS EM MUNDANG

Conforme foi discutido no capítulo 4, Schafer (2008) apresenta quatro tipos de raízes verbais que podem determinar se um verbo passa ou não pela alternância causativa, isto é, se apresentam forma transitiva e incoativa ou não. Essas raízes são de quatro subtipos, a saber: (i) raízes de verbos agentivos, (ii) raízes de verbos de causa externa, (iii) raízes de verbos de causa interna e (iv) raízes de verbos de causa inespecífica. Começamos a análise sobre a propriedade das raízes de verbos agentivos.

5.2.1. VERBOS AGENTIVOS

Schafer (2008) apresenta verbos agentivos como aqueles que aceitam um agente com controle e agente instrumento na posição de argumento externo. Para estudar o comportamento dessa raiz verbal em mundang, iremos analisar os verbos cortar, empurrar, lavar, amarrar, desenhar, dirigir e assassinar. Os dados seguintes mostram como se comporta essa raiz verbal no mundang:

(149a) *pafali* *guŋ* *pain*
 comerciante cortar pão
 ‘O comerciante cortou o pão’

(149b) **pain* *a* *guŋ* *suu* *ahe*
 pão PRON cortar corpo POSS
 ‘O pão se cortou’.

(149c) *yaa guŋ pain*
 faca cortar pão
 ‘A faca cortou o pão.’

Analisando os dados acima, podemos notar que o verbo ‘*guŋ*’ em (149a) seleciona um agente ‘pafali’ e em (149c) seleciona um agente instrumento ‘*yaa*’. Por sua vez, (149b) demonstra que o verbo ‘*guŋ*’ não forma anticausativa pela agramaticalidade da sentença. Tendo em conta esses dados, observa-se que o verbo cortar é um verbo agentivo que seleciona somente agentes e agentes instrumentos. Evidência a favor desta hipótese vem do fato de que o verbo ‘*guŋ*’ não forma anticausativa, isso se verifica pela agramaticalidade da sentença (149b).

Além de verbos agentivos selecionarem agentes, eles devem ser agentes com controle de acordo com Schafer (2008). A seguir, apresentamos os testes de advérbios com escopo orientado a agente, para avaliarmos se esses verbos realmente selecionam agente com controle ou não.

(150a) *wel waa parãñ ahe*
 criança empurrar amigo POSS
 ‘A criança empurrou seu amigo.’

(150b) *wel waa parãñ ah waa waa*
 criança empurrar amigo POSS proposito RED
 ‘A criança empurrou seu amigo de propósito.’

(150c) *Wel* *waa* *parãñ ah* *waa* *waa* *e*
 criança empurrar amigo POSS proposito RED PREP
ka
 NEG
 ‘A criança empurrou seu amigo sem querer.’

(150d) *?paran ah* *waa* *suu* *ahe*²¹
 amigo POSS empurrar corpo POSS
 ‘Seu amigo se jogou.’

Observando a sentença (150a), não sabemos se o argumento externo ‘wel’ tem controle ou não sobre a ação, pois apresenta ambiguidade quanto ao fato de o sujeito ter controle ou não. As sentenças (150b) e (150c) trazem informações para resolver esta questão. Notamos que, para distinguir o agente com controle do agente sem controle, é preciso inserir o adverbio ‘de proposito’ na sentença afirmativa em (150b) e na forma negativa em (150c). Isto nos leva a propor que os verbos agentivos podem agir com ou sem controle.

Uma característica dos verbos agentivos é o fato de eles não formarem anticausativas, ou seja, não sofrem alternância causativa. Entretanto, notamos que na sentença (150d) o verbo é intransitivo, o que poderia nos levar a concluir que o verbo agentivo ‘waa’ apresenta alternância anticausativa, o que é inesperado para verbos cuja raiz é agentiva. Todavia, ao averiguarmos essa ocorrência com mais cuidado, notou-se que o verbo ‘waa’ na sua forma

²¹ O verbo ‘waa’(empurrar) é a apócope de ‘waani’, que no meio da sentença perde o fonema -ni. É importante salientar que sua semelhança com o adverbio waa ‘de proposito’ é coincidência morfofonológica.

intransitiva não é exatamente a anticausativa da sua versão transitiva em (150a). A razão é que a sentença intransitiva tem um significado um tanto diferente das demais frases transitivas. Mais precisamente na sentença (150d), o significado de ‘waa’ é o de ‘se jogar’ e, nas demais sentenças transitivas, tem o sentido de ‘empurrar’. Podemos deduzir desse fato que a versão intransitiva não equivale exatamente a uma versão anticausativa das formas transitivas. Isso nos leva, portanto, à conclusão de que verbos agentivos de fato não formam anticausativas.

Notem que a agramaticalidade da sentença (b) abaixo traz mais evidência a favor de nossa proposta teórica, já que o verbo lavar, sendo um verbo de raiz agentiva, não permite alternância anticausativa.

(151a) *Félicité* *vaa* *Tə̃suo* *ko* *be*
 Félicité lavar roupas DET PERF
 ‘Félicité lavou as roupas’

(151b) **Tə̃suo* *ko* *vaa-ra* *suu* *ahe*
 roupas DET lavar-PL corpo POSS
 ‘As roupas lavaram.’

No capítulo 3, mostramos que o reflexivo em mundang se forma por meio da locução ‘suu ahe’. Essa construção, quando acrescentada à sentença (151b), torna a sentença agramatical, constituindo assim mais uma evidência a favor da hipótese de que os verbos agentivos da classe de ‘vaa’ (lavar) não permitem a forma anticausativa.

Nos dados apresentados pelos informantes, observamos que muitos verbos pareciam formar anticausativas sem a construção reflexiva ‘suu ahe’. São as sentenças seguintes:

(152a) *mama baŋ zahwii be*
 mãe amarrar madeira PERF
 ‘A mãe amarrou a madeira.’

(152b) ?*zahwii baŋ be*
 madeira amarrar PERF
 ‘A madeira foi amarrada.’

(153a) *Félicité vaa yeri-ra be*
 Félicité lavar roupa-PL PERF
 ‘Félicité lavou as roupas’

(153b) ?*Yeri vaa -ra be*
 roupas lavar-PL PERF
 ‘As roupas foram lavadas.’

(154a) *pavuuyaŋ woo yaŋ*
 engenheiro desenhar casa
 ‘O engenheiro desenhou a casa.’

(154b) ?*yaŋ woo be*
 casa desenhar PERF
 ‘A casa foi desenhada.’

Observando as sentenças (152) a (154), percebemos que elas formam causativas e anticausativas. Assim sendo, poderíamos deduzir a partir dessas sentenças que verbos agentivos formam anticausativas. Contudo, analisando as

sentenças (152b), (153b) e (154b) com mais cuidado, observamos que essas construções equivalem ao que Elders (2000) chama de ‘Patientif’. Sujeito ‘Patientif’ tem uma tendência a serem transitivo ativo, o que não é o caso de verbos essencialmente intransitivos do tipo ‘cair’ que têm sujeito paciente. Para nos certificar de que as sentenças (152b), (153b) e (154b) são realmente sentenças passivas, pedimos para nossos informantes a tradução das mesmas, só que na voz passiva com argumento externo explícito e implícito, isto é, i) a madeira foi amarrada (por mamãe); ii) as roupas foram lavadas (por mamãe); e iii) a casa foi desenhada (pelo engenheiro). Os resultados obtidos foram os seguintes:

(155a) *mama bay kuu be*
 mãe amarrar madeira PERF
 ‘A madeira foi amarrada por mamãe.’

(155b) *kuu bay be*
 madeira amarrar PERF
 ‘A madeira foi amarrada.’

(156a) *Mama vaa yeri-ra be*
 mama lavar roupa-PL PERF
 ‘As roupas foram lavadas por mamãe’

(156b) *yeri vaa -ra be*
 Roupas lavar-PL PERF
 ‘As roupas foram lavadas.’

(157a) *pavuuuyaŋ woo yaŋ*
 engenheiro desenhar casa
 ‘A casa foi desenhada pelo engenheiro.’

(157b) *yaŋ woo be*
 casa desenhar PERF
 ‘A casa foi desenhada.’

Primeiramente, percebemos que os exemplos (155b), (156b) e (157b) são passivas com argumento interno implícito. Essas passivas têm a mesma estrutura que as frases (152b), (153b) e (154b), o que nos levar a concluir que essas sentenças são de fato passivas e não anticausativas. Outra observação que podemos fazer é que não existe diferença sintática entre as frases transitivas ativas (152a), (153a) e (154a) e as passivas com argumento externo explícito (155a), (156a) e (157a). Em suma, concluímos que uma das características dos verbos agentivos é a capacidade de não formarem anticausativa. Todavia, o exemplo abaixo com o verbo agentivo ‘*daŋ*’ (dirigir) apresenta aparentemente uma forma anticausativa marcado com o reflexivo ‘*suu ahe*’, fato que é inesperado.

(158a) *Dada daŋ mota*
 Papa dirigir carro
 ‘O pai dirige o carro.’

(158b)? *mota daŋ suu ahe*
 Carro dirigir corpo POSS
 ‘O carro dirige.’

O exemplo (158b) é marcado por uma interrogação que levanta dúvidas. Essa sentença é gramatical na língua, porém, ela é usada em um contexto

específico. Quando usada no contexto acima, a sentença deixa entender que o carro enfrenta alguns problemas técnicos e começa a andar sozinho, o que pode gerar espanto nas pessoas, justamente por ser algo fora do comum. Isto nos leva a concluir que esse verbo é desprovido do seu sentido inicial e, portanto, não pode ser considerado como contra argumento para proposta do Schafer (2008).

De acordo com Schafer (2008), o verbo ‘assassinar’ faz parte de verbos agentivos, cujas propriedades é não aceitar causa externa como argumento externo nem formar anticausativas. Entretanto, esse verbo se comporta de modo diferente no mundang, como apontam os dados a seguir:

(159a) *Patrick e hul goŋ ahe*
 Patrick assassinar morte chefe POSS
 ‘Patrick assassinou seu chefe’

(159b)? *wii e goŋ*
 fogo assassinar chefe
 ‘o fogo assassinou o chefe.’

(159c)? *goŋ e suu ahe*
 chef assassinar corpo POSS
 ‘O chefe assassinou’

Esse dado nos permite então concluir que ‘assassinar’ se comporta como um verbo de causa inespecífica, isto é, permite alternância causativa, diferentemente do que ocorre no inglês e no português. Contudo, descobrimos que o verbo ‘matar’ e ‘assassinar’ são o mesmo verbo na língua, o que nos levou

a deduzir que o verbo ‘assassinar’ não existe na língua conforme demonstram as sentenças que seguem:

(160a) *dəb* *e* *hʊl* *gɔŋ*
 homem matar morte chefe
 ‘O homem matou o chefe.’

(160b) *mbam* *e* *gɔŋ*
 chuva matar chefe
 ‘A chuva matou o chefe.’

(160c) *gɔŋ* *e* *suu* *ahe*
 chefe matar corpo POSS
 ‘O chefe se matou.’

Concluimos assim que o verbo assassinar não existe na língua, pois ele se traduz como matar. Dessa forma, o mundang apresenta o verbo ‘e’ tanto para assassinar quanto para matar. Veremos mais adiante que Schafer (2008) classifica o verbo ‘matar’ como de causa externa. Ele acrescenta ainda que verbos dessa tipologia verbal não sofrem alternância em inglês, porém algumas línguas como o francês apresentam formas transitivas e anticausativas para verbos como ‘tuer’ (matar) e ‘détruire’ (destruir). O ‘e’ do mundang corresponderia então ao ‘tuer’ do francês e mostra-se ser uma exceção dentro das raízes de causa externa conhecidas por não formar anticausativa.

A luz dos dados colhidos, concluimos que verbos agentivos entram no grupo de raízes externamente causadas, principalmente porque aceitam a

presença do núcleo Voice [+AG] que projeta a posição de argumento externo. Esse núcleo licencia, em mundang, um agente ou um instrumento na posição de argumento externo. Além de ser agentivo, o argumento externo pode ter traço [+ controle] ou [- controle]. Outra característica dos verbos agentivos é não formar anticausativas. Os dados do mundang confirmam essa hipótese, primeiramente porque foi apontado que as incoativas que aparecem com verbos agentivos são na verdade passivas com argumento implícito. Vários testes de gramaticalidade feitos junto com os informantes serviram para verificar essa hipótese. Deduzimos que, para cumprir a falta de anticausativa para essa raiz verbal, os informantes a trocaram pela passiva. Para descartar a possibilidade de as passivas serem anticausativas, foi aplicado o teste do ‘by itself’. A presença desse PP indica a ausência de argumento externo responsável pela realização do evento. A luz dos dados analisados, essas passivas são insensíveis ao ‘by itself’ que corresponde em mundang a ‘suu ahe’.

Podemos concluir com os dados analisados nesta seção que o mundang apresenta raízes verbais como ‘cortar’ ou ‘empurrar’ que precisam da presença de um argumento externo Voice [+AG]. Entretanto, os verbos agentivos não precisam ter necessariamente um argumento externo com a propriedade de controle sobre o evento. Isto nos permite propor que o núcleo Voice [+AG] desses verbos em mundang licencia um argumento externo agente, com o traço

[+/-CONTROLE]. Note que esse resultado difere do apurado por Schafer (2008), que atribui a verbos agentivos somente o traço [+CONTROLE]. Outra característica dos verbos agentivos, de acordo com Schafer (2008), é não formar anticausativas, fato confirmado no mundang, pois esses verbos não apresentam a variante anticausativa para essa raiz verbal.

A próxima seção tem por objetivo analisar verbos de raiz de causa externa, conhecidos por aceitar agente e causa externa na posição de argumento externo

5.2.2 VERBOS DE CAUSA EXTERNA

Verbos de causa externa são classificados por Schafer (2008) como sendo aqueles que aceitam tanto Voice [+AG] licenciando agentes e PP instrumentais e Voice [-AG] licenciando causas. Assim como as raízes de verbos agentivos, raízes de verbos de causa externa não sofrem alternância causativa, isto é, não formam anticausativas. Nesta seção, serão analisados os seguintes verbos: arruinar, saquear, destruir, exterminar, queimar e matar. Comparem-se os dados a seguir:

(161a) *sodie* *police ru-ra* *fiŋ* *be*
 soldado polícia arruinar-PL festa PERF
 ‘A polícia arruinou a festa.’

(161b) *jak* *ru* *fiŋ* *be*
 vento arruinar festa PERF
 ‘O vento arruinou a festa.’

- (161c)? *fiŋ ru be*
 festa arruinar PERF
 ‘A festa foi arruinada.’
- (162a) *zayaŋ ru-ra wah be*
 habitantes saquear-PL campo PERF
 ‘Os habitantes saquearam a plantaçaõ.’
- (162b) *fabal ru-ra wah be*
 animal saquear-PL campo PERF
 ‘Os animais saquearam a plantaçaõ.’
- (162c)? *wah ru be*
 campo saquear PERF
 ‘A plantaçaõ foi saqueada.’
- (163a) *Jean ru wah be*
 Jean destruir campo PERF
 ‘Jean destruiu o campo.’
- (163b) *fati ru wah*
 explosãõ destruir campo
 ‘A explosãõ destruiu o campo.’
- (163c)? *wah ru be*
 campodestruir PERF
 ‘O campo foi destruído.’

Tendo em conta os dados acima, a primeira observaçaõ que podemos fazer é que os verbos de destruiçaõ acima partilham da mesma forma ‘ru’. A segunda observaçaõ a ser feita é que esse verbo ‘ru’ apresenta um argumento ‘patientif’, como se pode observar nos exemplos (161c) (162c) e (163c). Em suma, essas sentenças, que inicialmente aparentam ser anticausativas, têm, na verdade, uma interpretaçaõ passiva.

Nos dados coletados, foram identificadas construções que acionam dois tipos de verbos, a saber: um para forma transitiva e outro para forma intransitiva, conforme mostram os dados a seguir:

(164a) *ciŋ duk cidin be*
 remédio exterminar inseto PERF
 ‘O remédio exterminou os insetos.’

(164b) *cidin wook-ra be*
 insetos morrer-PL PERF
 ‘Os insetos estão mortos.’

(165a) *dada ju wii nə wah*
 pai colocar fogo PREP campo
 ‘Papai queimou o campo.’

(165b) *wah cii wii be*
 campo pegar fogo PERF
 ‘O campo queimou’

Os verbos ‘duk’ e ‘ju’ são acionados quando a sentença é transitiva. Quando ela passa a ser intransitiva, o verbo ‘wook’ (morrer) é acionado em (164b) e ‘cii wii’ (pegar fogo) em (165b). Esses pares heterônimos contribuem para hipótese de Schafer (2008), segundo a qual verbos de causa externa não formam anticausativas. Vale a pena ressaltar que dois dos informantes apontaram o fato de não poderem traduzir a sentença (164b). Para cumprir a carência desses verbos na forma intransitiva, outros foram acionados, o que vem corroborar a

teoria adotada segundo a qual verbos intransitivos e transitivos²² não derivam um do outro, mas sim de uma raiz neutra comum.

Nos dados coletados com um falante, observamos a presença do sufixo ‘-ni’ para marcar a intransitividade. Elders (2000) chama esse morfema de nome verbal, pois ele marca o aspecto imperfectivo, mas, sobretudo, o presente de indicativo. Elders (2000) atribui interpretação passiva a esse morfema, conforme se vê nas sentenças abaixo.

(166a) *sodie* *ru-ra* *fiŋ* *be*
soldado arruinar-PL festa PERF
‘A polícia arruinou a festa.’

(166b) *jak* *ru* *fiŋ*
vento arruinar festa
‘O vento arruinou a festa.’

(166c)?*fiŋ* *ru-ni*
festa saquear-NV
‘A festa está sendo arruinada.’

(167a)*fatuk* *ru-ra* *wah*
animal saquear-PL campo
‘Os animais saquearam a plantação.’

(167b) *zayaŋ* *ru-ra* *wah*
habitantes saquear-PL campo
‘Os habitantes saquearam a plantação.’

(167c)?*wah* *ru-ni*
campo saquear-NV
‘A plantação está sendo saqueada.’

²² Os termos intransitivização e causativização usados ao longo do trabalho não implicam qualquer derivação mútua, eles são usados em sentido neutro.

As sentenças (166c) e (167c) apresentam o morfema *-ni*²³. Esse sufixo não marca a anticausativa na língua, marca o que Elders (2000) chama de ‘patientif’. Durante uma conversa com nosso informante linguista, no intuito de descartar a possibilidade do morfema *-ni* ser marca flexional de anticausativa, ele confirmou que as sentenças com esse sufixo são na verdade passivas. Para ele, as frases (166c) e (167c) possuem sujeitos passivos e não ativos. Para diferenciar o morfema passivo {-ni} do reflexivo ‘*suu ahe*’, comparem-se os dados abaixo.

(168a) *wah* *ju-ni*
 campo queimar-NV
 ‘O campo está sendo queimado.’

(168b)?*wah* *ju* *suu* *ahe*
 Campo queimar corpo POSS
 ‘o campo (se) queimou.’

Para nosso informante, o sujeito da sentença (168a) é paciente. O verbo expressa uma ação que está sendo feita por um sujeito implícito. Trata-se nesse caso de uma construção na voz passiva. Já a sentença (168b) tem um sujeito agentivo e é interpretada como ‘o campo queimou por ele mesmo’. A estrutura ‘*suu ahe*’ indica voz reflexiva.

²³ morfema ‘*ni*’ pode ser um marcador de construção média, assunto que poderá ser abordado em trabalhos futuros.

Em suma, os dados apresentados nesta seção mostram que os verbos de causa externa se comportam de maneira idêntica aos verbos agentivos na medida em que os dois não formam anticausativas e admitem um Voice [+AG]. Contudo, a diferença em relação aos verbos agentivos, que licenciam argumento externo estritamente agentivo, é que os verbos de causa externa aceitam agente, instrumento e causa na posição de sujeito.

Observa-se ainda que o verbo ‘e’ tem comportamento distinto, já que apresenta a versão transitiva e intransitiva. Na seção sobre os verbos agentivos, apontamos que o verbo ‘assassinar’ equivale a um verbo que possui uma raiz agentiva. Não obstante, o mundang não marca diferença lexical entre a acepção ‘assassinar’ e ‘matar’ conforme mostram os dados abaixo:

(169a) *Patrick e hul goŋ ahe*
 Patrick assassinar morte chefe POSS
 ‘Patrick assassinou seu chefe’

(169b) *cuktiini e hul goŋ ahe*
 explosão assassinar morte chefe POSS
 ‘A explosão matou seu chefe’

(169c) *gŋ e suu ahe*
 chef assassinar corpo POSS
 ‘O chefe se assassinou’

(170a) *dəb e gŋ*
 homem matar chefe
 ‘O homem matou o chefe.’

(170b) *mbam e goŋ*
chuva matar chefe
'A chuva matou o chefe.'

(170c) *Goŋ e suu ahe*
chefe matar corpo POSS
'O chefe se matou.'

Observando as sentenças (169) acima, percebemos que o verbo 'assassinar' aceita um Voice [-AG]. Ou seja, licencia uma causa como argumento externo e permite a forma anticausativa, conforme demonstram os exemplos (169b) e (169c), características que vão contra as propriedades das raízes de verbos agentivos. Essa análise nos levar a descartar que o verbo 'e' (matar/ assassinar) seja de raiz agentiva, pois participa da alternância causativa e admite um causador como argumento externo. Note-se que o verbo 'e' funciona como 'tuer' (matar) e 'détruire' (destruir) do francês. Tanto um quanto o outro passam pela alternância causativa e formam exceção à regra. Assim sendo, postularemos que o verbo 'e' (matar, assassinar) permite a forma transitiva causativa e a forma intransitiva anticausativa.

Em síntese, concluímos que os verbos de causa externa formam o grupo de verbos que aceitam agentes [+AG] e causadores [-AG] na posição de argumentos externos, porém não alternam. Levin & Rappaport Hovav (1995) e Reinhart (2000, 2002) argumentam que verbos como 'matar' e 'destruir'

alternam em grego e francês, mas não em inglês e alemão. Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) falam da tradução de uma língua para outra como um fator que pode ser a causa dessa diferença entre as línguas. Eles apontam que o verbo matar em grego difere do mesmo verbo em inglês. Os dados do mundang mostram que essa raiz verbal aceita tanto agentes como causadores na posição de sujeito, o que confirma a proposta do Schafer (2008). De maneira geral, o mundang não forma anticausativas com verbos de causa externa. Entretanto, nos dados coletados, um verbo apresenta variante transitiva e intransitiva. Trata-se do verbo ‘matar’. Podemos levantar como hipótese para a razão dessa discrepância o fato de a gramática do francês estar a influenciar o mundang, já que as duas línguas se influenciam mutuamente.

O propósito da próxima seção será o de analisar as propriedades dos verbos de causa inespecífica em mundang.

5.2.3. VERBOS DE CAUSA INESPECÍFICA

Os verbos de causa inespecífica são aqueles cuja raiz verbal permite livremente a alternância entre a forma transitiva causativa e a forma intransitiva anticausativa, conforme demonstram os dados do mundang abaixo. Os verbos de causa inespecífica a serem analisados abaixo são os seguintes: abrir, curar, fechar, escurecer e bloquear.

- (171a) *mama bəl zafaa be*
 mama abrir porta PERF
 ‘A mãe abriu a porta.’
- (171b) *zafaa bəl suu ah be*
 porta abrir corpo POSS PERF
 ‘A porta se abriu.’
- (172a) *cin lep wəl be*
 remédio curar criança PERF
 ‘O remédio curou a criança.’
- (172b) *wəl lep suu ah be*
 criança curar corpo POSS PERF
 ‘A criança se curou.’
- (173a) *o gɛ telephone ahe*
 PRON fechar telefone POSS
 ‘Ele bloqueou seu telefone.’
- (173b) *telephone gɛ suu ahe*
 telefone fechar corpo POSS
 ‘O telefone se bloqueio.’
- (174a) *from puo jol ah-ra*
 carvão escurecer mão POSS.PL
 ‘O carvão escureceu suas mãos.’
- (174b) *jol ah-ra puo suu bo-ra*
 mão POSS-PL escurecer corpo POSS-PL
 ‘Suas mãos escureceram.’

Os dados acima mostram que os verbos de causa inespecífica formam anticausativas, conforme é previsto pela tipologia proposta por Schafer (2008). Em consonância com o que foi apresentado no capítulo 3, a construção do reflexivo em mundang se dá a partir da formação sintática {suu + possessivo}. A

ocorrência desse reflexivo nas sentenças em (b) acima serve, portanto, de evidência a favor de que de fato estamos diante de construções anticausativas nesses contextos

Tendo em conta os dados mostrados acima, podemos concluir que o mundang forma causativa e anticausativa com verbos de causa inespecífica. O que confirma a proposta de Schafer (2008). A anticausativa é formada pela construção ‘suu ahe’, que corresponde ao reflexivo em mundang.

Essa raiz verbal pode aparecer com ou sem argumento externo, o que faz com que a causa não seja especificada. Esta propriedade explica a razão por que esses verbos alternam entre transitivo/anticausativa. Entra nessa classe verbos como ‘quebrar’ e ‘abrir’. O mundang fornece assim dados empíricos para confirmar a teoria do Schafer (2008), segundo a qual esses verbos permitem a alternância transitiva/anticausativa.

Vimos ainda que os verbos de causa inespecífica formam anticausativas com a estrutura ‘suu ahe’, o que corresponde ao pronome reflexivo ‘se’ do português. Podemos concluir que ‘suu ahe’ é considerado como marca de anticausatividade em mundang. De todas as raízes verbais analisadas nesse trabalho, os verbos de causa inespecífica são aqueles que aparecem com a estrutura ‘by itself’ = ‘suu ahe’, confirmando assim a formação de anticausativas para essa categoria de raiz verbal.

Diferentemente dos verbos de causa inespecífica, a classe dos verbos de causa interna apresenta somente a variante intransitiva. Essa tipologia de raiz verbal será discutida na próxima seção.

5.2.4. VERBOS DE CAUSA INTERNA

As raízes verbais de causa interna se juntam aos verbos agentivos e de causa externa, na medida em que não sofrem alternância causativa. Entretanto, ao contrário dessas duas últimas classes verbais, os verbos de causa interna não transitivizam. Entra nessa classe verbos como crescer, florescer, inflamar. Comparem-se os dados abaixo.

(175a) *Yel* *giŋ* *be*
 Criança crescer PERF
 ‘A criança cresceu.’

(175b)**Mama giŋ* *yel* *ahe*
 Mãe crescer criança POSS
 ‘A mãe cresceu seu filho.’

(175c)**Won(i)* *giŋ* *yele*
 Leite crescer criança
 ‘O leite cresceu a criança.’

Nesse exemplo, o verbo ‘*giŋ*’ (crescer) é agramatical nos exemplos (175b) e (175c), pois essa classe verbal não permite causador direto, razão pela qual não permite a forma transitiva, mas somente a versão intransitiva incoativa.

Apesar de não transitivizarem, os verbos de causa interna podem ser causativizados, conforme mostram os exemplos a seguir.

(176a) *Kuu* *fiŋ* *be*
 Arvore florescer PERF
 ‘A arvore floresceu.’

(176b) *Papa* *joŋ* *kuu* *mo* *fiŋ* *ko*
 Pai fazer arvore 3.SG florescer DET
 ‘Papai fez a arvore florescer.’

(176c) *Com* *joŋ* *kuu* *fiŋ* *be*
 Sol fazer arvore florescer PERF
 ‘O calor fez a arvore florescer.’

(177a) *nwa* *bε* *bo*
 ferida inflamar PERF
 ‘A ferida inflamou.’

(177b) *com* *joŋ* *nwa* *bε* *bo*
 sol fazer ferida inflamar PERF
 ‘O calor fez a ferida inflamar.’

Nas frases (176b), (176c) e (177b), o informante faz uso do verbo causativo ‘*joŋ*’ (fazer) para introduzir o argumento externo. Vale lembrar que fazer + verbo corresponde as causativas analíticas, que se inserem na tipologia de causativas indiretas. Notamos que os informantes não conseguiram traduzir frases transitivas com raízes de causa interna justamente por não existir transitiva direta com essa raiz verbal.

Outro recurso para causativizar as raízes de causa interna, se dá pelo uso da causativa lexical heterônima, conforme mostram os dados a seguir.

(178a) *yɛl* *giŋ* *be*
criança crescer PERF
'A criança cresceu.'

(178b) *mam wol yɛl* *ahe*
mãe criar criança POSS
'A mãe alimentou seu filho.'

No exemplo acima, o verbo '*giŋ*' (crescer) é usado na vertente intransitiva e a forma '*wol*' (alimentar/criar) é acionado para variante transitiva.

Em suma, concluímos que os verbos de causa interna formam apenas as incoativas, mas não transitivas correspondentes com a mesma raiz. Tal fato se deve ao fato de que a causa da mudança de estado está diretamente ligada às propriedades do argumento interno. Essa classe de verbo pode, no entanto, ser causativizada indiretamente por meio de estrutura causativa perifrástica por meio do verbo fazer *joŋ*. Concluímos ainda que os verbos internamente causados não projetam o núcleo Voice, responsável pela introdução do argumento externo. Não obstante, devem combinar-se com o núcleo CAUS, por esta razão não transitivizam. Neste sentido, a hipótese que entretemos neste trabalho é que apresentam somente a forma verbal incoativa. Note-se ainda que argumento

externo pode sim ser introduzido pelo verbo causativo ‘joŋ’, mas nesse caso ele só pode ser interpretado como causador indireto.

Em suma, a proposta teórica que assumimos para esses verbos é a de que a sua raiz não permite a formação de transitiva. Isto explica a razão pela qual a causativa é formada a partir desses verbos somente por meio da estrutura ‘fazer+verbo’, a qual corresponde à causativa perifrástica, considerada menos direta que a causativa sintética/morfológica.

5.3. RESUMO DO CAPITULO

Neste capítulo, o objetivo foi apresentar a natureza das raízes verbais do Schafer (2008) no mundang. Começamos apresentando a metodologia de coleta dos dados e em seguida, foi analisado cada raiz verbal, baseando-se em um conjunto de verbos pré-selecionados. Observamos que o mundang apresenta os quatro tipos de raízes verbais apontados pelo Schafer (2008), a saber: os verbos agentivos, os verbos de causa externa, os verbos de causa inespecífica e por fim os verbos de causa interna.

CAPITULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal dessa dissertação foi apresentar uma descrição sintático-semântica do mundang. Mais especificamente, buscamos investigar o comportamento das raízes verbais proposta por Schafer (2008), conforme a qual os verbos apresentam entradas lexicais que determinam em parte se um verbo alterna ou não. Schafer (2008) classifica as raízes verbais em quatro tipos sendo verbos agentivos, verbos de causa externa, verbos de causa inespecífica e verbos de causa interna. Este trabalho foi guiado a partir de quatro perguntas essenciais, ou seja, (i) se os verbos agentivos não alternam e se aceitam somente um agente com controle na posição de sujeito; (ii) se verbos de causa externa aceitam agentes e causadores como sujeitos e se alternam ou não; (iii) se somente as raízes de causa inespecífica sofrem alternância causativa; (iv) e, por fim, se as raízes de verbos de causa interna no mundang não formam causativas, mas apenas incoativos.

À luz dos dados analisados, foi observado que os verbos agentivos em mundang têm como características não formar anticausativas e permitir somente um Voice [+AG] como sujeito, conforme propõe Schafer (2008). Entretanto, ao contrário do que prevê Schafer (2008), o argumento externo dos verbos agentivos pode agir com o traço controle ou sem controle sobre o evento. Isso foi observado

pelo acréscimo do adverbio ‘waa waa’ (de proposito) para marcar o controle. Isto nos leva a propor que os verbos agentivos não sofrem alternância causativa e podem agir com ou sem controle.

O segundo tipo de raiz verbal corresponde a de verbos causados externamente. Segundo Schafer (2008), o inglês não forma anticausativas. O mundang, contudo, se comporta como o francês e o grego na medida em que certos verbos alternam. De fato, o verbo ‘e’ (matar) é o único nos dados coletados que sofre alternância causativa, levando a conclusão de que verbos de causa externa não alternam em mundang confirmando a proposta do Schafer (2008) que prevê que essa raiz verbal aceita [+/-AG] na posição de argumento externo e não forma anticausativa.

Em terceiro lugar, vêm os verbos de causa inespecífica que apresentam tanto par transitivo quanto par intransitivo. O mundang forma a anticausativa com a estrutura *suu+ahe*. Estrutura que serve tanto para marcar o reflexivo quanto para marcar a estrutura ‘by itself’, responsável para apontar a ausência de força externa na realização do evento. Esse resultado, mais uma vez, confirma a proposta do Schafer (2008) relacionado às raízes de causa inespecífica.

Finalmente, a última classe de raiz verbal é de causa interna. Os verbos pertencentes a esse grupo verbal se caracterizam por apresentar somente a vertente incoativa e por não transitivizar. O mundang confirma essa hipótese do

Schafer (2008) apresentando somente a variante intransitiva. Apesar de não formar transitiva, essa raiz verbal causativiza por meio da causativa analítica formada por *joŋ* + verbo (fazer + verbo). Resultado esperado conforme previsto no Schafer (2008).

Esperamos que com essa dissertação, possamos contribuir para um melhor conhecimento gramatical do mundang e do grupo Adamawa-Ubangui, de modo que esse trabalho sirva como inspiração para pesquisadores que gostariam de trabalhar com esse tema. Em suma, nossa expectativa é que esse trabalho contribuía de algum modo para uma revalorização das línguas e culturas africanas que seja do ponto de vista pedagógico colaborando com o ensino de línguas nacionais em Camarões ou fornecendo dados empíricos sobre um aspecto específico da sintaxe e semântica desta língua.

REFERENCIAS

Association Chrétienne pour la Littérature Moundang. **Les Moundang sont à cheval entre le Nord Cameroun et le Sud-Ouest du Tchad.** Disponível em: <<http://asclim.blogspot.com/2008/09/les-moundang-sont-cheval-entre-le-nord.html>>. Acesso em dezembro de 2020.

Association Chrétienne pour la Littérature Moundang. **Dictionnaire Moundang.** Léré, Tchad, 2009.

ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. The properties of anticausatives crosslinguistically. *In*: FRASCARELLI, M. (ed). **Phases of interpretation.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2006a.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. The fine structure of (anti-)causatives. *In*: DAVIS, C. Deal, A. D.; ZABBAL, Y. (eds). **Proceedings of NELS 36.** Amherst MA: GLSA, 2006b.

ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E., SCHÄFER, F. (2015) External Arguments in Transitivity Alternations. **A Layering Approach.** Oxford: Oxford University Press, 2015.

BANQUE DES SAVOIRS. **À la découverte des langues africaines.** Disponível em <<http://www.savoirs.essonne.fr/thematiques/les-hommes/ethnologie/a-la-decouverte-deslangues-africaines/>>. Acesso em julho 2019.

CANCADO, M., AMARAL, L. Introdução à Semântica Lexical: **Papeis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

CHIERCHIA, Gennaro. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. *In: ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; EVERAERT, M. (eds). **The unaccusativity puzzle**: Explorations of the syntax-lexicon interface. Oxford: OUP: 2004.*

CHIERCHIA, Gennaro. Anaphoras and attitudes de se. *In: BARTSCH, Renate; van BENTHEM; EMDE BOAS, P. (Eds.). **Language and Contextual Expressions**. Dordrecht: Foris, 1989.*

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

DOWTY, David. **Word meaning and Montague grammar** – The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ. Dordrecht: Reidel, 1979.

DUARTE, Fábio Bonfim; DA CÂMARA, Crisofia. Langa; VALIAS, Tânia Diniz Ottoni. **Análise das estruturas causativas bieventivas em Nyungwe**. PAPIA, São Paulo, n. 27, v. 1, p. 135-163, Jan/Jun 2017

Encyclopaedia britannica. **Mundang-Tuburi-Mbum languages**. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Mundang-Tuburi-Mbum-languages>>.

Acesso em Setembro 2019.

ELDERS, Stefan. **Grammaire mundang**. Research School of Asian, African, and Amerindian Studies, Universiteit Leiden, 2000.

ELDERS, Stefan. Issues in comparative Kebi-Benue (Adamawa). *In: **Africana Linguistica** 12, 2006. pp. 37-88.*

Ethnologue language of the world. **Mundang**. Disponível em :<
<https://www.ethnologue.com/language/mua/22>>. Acesso em Julho 2019

Glottolog. **Spoken L1 Language: Mundang**. Disponível em:<
<https://glottolog.org/resource/languoid/id/mund1325>>. Acesso em Julho de 2019

GREENBERG, J. H. The language of Africa: **International Journal of American Linguistics**, Bloomington: Indiana University, part 2, v.29 n.1,1963.

HASPELMATH, Martin. More on the typology of inchoative/causative verb alternation. *In*: COMRIE, Bernard; POLINSKY, Maria. (Orgs.) **Causatives and Transitivity**. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

KRATZER, A. **Severing the external argument from its verb**. In Johan Rooryck and Laurie Zaring, eds. *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer, 1996.

LAKOFF, George. Some verbs of change and causation. In: KUNO, S. (ed.) **Mathematical linguistics and automatic translation**. Cambridge MA: Harvard University Press, 1968.

LAKOFF, George. **Irregularities in syntax**. New York NY: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LECLERC, Jacques. « **Cameroun** » in **L'aménagement linguistique dans le monde**. CEFAN, Université Laval. Disponível em: Acesso em Setembro 2019.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT HOVAV, Malka. **Unaccusativity: at the syntax – lexical semantics interface**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1995

Negronews. **Des langues africaines en voie de disparition**. Disponível em:<<http://negronews.fr/langues-africaines-voie-de-disparition/>>. Acesso em agosto 2019.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

RADFORD, A. **Syntax: a minimalist introduction**. Cambridge, CUP, 1998

RAPPAPORT HOVAV, Malka; DORON Edit; SICHEL Ivy. **Lexical Semantics, Syntax, and Even Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

RAPPAPORT HOVAV, Malka. **Lexical content and context: The causative alternation in English revisited**. The Hebrew University of Jerusalem, 2013

REINHART, T. **The theta system**: Syntactic realization of verbal concepts. OTS working papers: Utrecht University. 2000.

RIBEIRO, Pablo Nunes. **A alternância causativa no português do Brasil: a distribuição do clítico se**. Dissertação de mestrado. PORTO ALEGRE: UFRGS

ROSALIE, Mairama. **Étude comparée des systèmes linguistiques du français et du mundang**. Implications didactiques et pédagogiques. Tese de doutorado. NGOUNDERE: Université de Ngaoundéré.

PESETSKY, D. **Zero syntax**. Experiencers and cascades. Cambridge MA: The MIT Press, 1995.

SAMARIN, WILLIAM J. Adamawa-Eastern. **Linguistics in Sub-Saharan Africa**, edited by Jack Berry and Thomas Albert Sebeok. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton. pp. 213-244, 2017.

SCHAFER, Florian. **The syntax of (Anti-)Causatives. External arguments in change-of state contexts**. Amsterdam: John Benjamins B.V., 2008.

SEARA, Izabel C.; NUNES, Vanessa G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFCS, 2011.

The language gulper. **Adamawa-Ubangi Languages**. Disponível em :<<http://www.languagesgulper.com/eng/Adamawa.html>>. Acesso em Setembro de 2019

Querty iki. **Mundang Language**. Disponível em: <https://pt.querty.wiki/wiki/Mundang_language>. Acesso em julho 2019

VIVEKA, Velupillai. **An Introduction to Linguistic Tipology**. John Benjamins Publishing Company : Amsterdam-Philadelphia (2012).

WESTERMANN, DIETRICH, BRYAN. Languages of West Africa. **Handbook of African Languages**, M.A: Oxford University Press, part II, 1952.

Wikipedia. **Moundang** (langue). Disponível em:<[https://fr.wikipedia.org/wiki/Moundang_\(langue\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Moundang_(langue))>. Acesso em agosto 2019

WILLIAMS, E. Argument structure and morphology. **The Linguistic Review**. Vol 1(1), p. 81- 114, 1981.